

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA**

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**EDILENE GUIMARÃES BATISTA DA SILVA**

**A ATITUDE RELIGIOSA NA ESCOLA: Um estudo das características comportamentais e desempenho acadêmico das crianças da educação infantil oriundas de igrejas pentecostais e neopentecostais no âmbito escolar.**

VITÓRIA

2013

EDILENE GUIMARÃES BATISTA DA SILVA

**A ATITUDE RELIGIOSA NA ESCOLA: Um estudo das características comportamentais e desempenho acadêmico das crianças da educação infantil oriundas de igrejas pentecostais e neopentecostais no âmbito escolar.**

Dissertação de Mestrado Profissional para obtenção de grau de mestre em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória, linha de pesquisa: Religião e Esfera pública

Orientador: Ronaldo Cavalcante

VITÓRIA

2013

Silva, Edilene Guimarães Batista da

A atitude religiosa na escola / Um estudo das características comportamentais e desempenho acadêmico das crianças da educação infantil oriundas de igrejas pentecostais e neopentecostais no âmbito escolar / Edilene Guimarães Batista da Silva. -Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

viii, 88 f. ; 31 cm.

Orientador: Ronaldo de Paula Cavalcante

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória 2013.

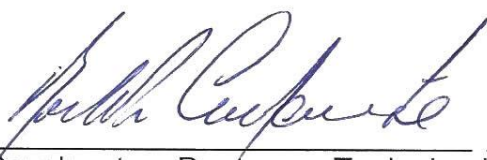
Referências bibliográficas: f. 86-88

1. Ciência da religião. 2. Ensino religioso. 3. Criança. 4. Comportamento. 5. Aprendizagem. 6. Pentecostais. 7. Neopentecostais - Tese. I. Edilene Guimarães Batista da Silva. II. Faculdade Unida de Vitória, 2013. III. Título.

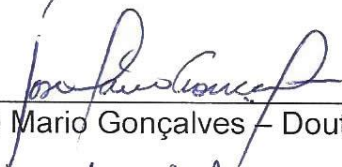
EDILENE GUIMARÃES BATISTA DA SILVA

**A ATITUDE RELIGIOSA NA ESCOLA: um estudo das características comportamentais e desempenho acadêmico das crianças da educação infantil oriundas de igrejas pentecostais e neopentecostais no âmbito escolar**

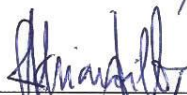
Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória no programa de Pós- Graduação em Ciências das Religiões.  
Área de Concentração: Religião e Sociedade.



Ronaldo Cavalcante – Doutor em Teologia - UNIDA (Presidente)



José Mario Gonçalves – Doutorando em História – UNIDA



José Adriano Filho – Doutor em Ciências da Religião - UFES

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Agradeço também ao meu esposo, Alexsandro Coutinho, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, quero agradecer aos meus filhos, Matheus e Evelyn, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos. Também sou grata aos meus pais Otoniel e Eliene, a quem rogo todas as noites a minha existência, e a minha sobrinha Karine que com muito carinho colaborou com esse trabalho. E não deixando de agradecer ao meu orientador Ronaldo Cavalcanti por seu guiar acadêmico.

A primeira idéia que uma criança precisa ter é a da diferença entre o bem e o mal. E a principal função do educador é cuidar para que ela não confunda o bem com a passividade e o mal com a atividade.

Maria Montessori

## RESUMO

O presente trabalho visa a pesquisar o comportamento e os problemas de aprendizagem de crianças das igrejas pentecostais e neopentecostais, para saber se são afetadas pela maneira como essas igrejas tratam de vários assuntos relacionados a ética, ao rigor excessivo e a proibição que se faz com relação a criança na escola (proibir que faça educação física, que participem de eventos culturais como: carnaval, festa junina, festa mix) influencia e/ou determine esse comportamento e esses problemas. E ainda, verificar a conduta dos pais frente a essas proibições por parte da igreja e se esta ligada ao comportamento e aos problemas de aprendizagem das crianças, apresentadas na escola. A pesquisa foi feita com dois grupos de crianças, um, só com crianças pentecostais/neopentecostais e outro com crianças de igrejas históricas com o propósito de estudar e comparar os comportamentos e os problemas de aprendizagem e verificar se os mesmos estão ligados ao rigor excessivo dos pais, por conseguinte aos das igrejas, ou não.

**Palavras chaves:** Criança, comportamento, aprendizagem, pentecostais, neopentecostais.

## **ABSTRACT**

The present work aims to investigate the behavior and the problems of children's apprenticeship of the churches pentecostals and neopentecostais, to know if they are affected by the way as these churches treat several subjects made a list of the ethics, to the excessive rigidity and the prohibition that does to itself regarding child in the school (to forbid it to do physical education, which they announce of cultural events like: carnival, June party, festive mix) influences and / or determine this behavior and these problems. And still, to check the conduct of the parents in front of these prohibitions for part of the church and if this ring to the behavior and to the problems of apprenticeship of the children, presented in the school. The inquiry was done with two groups of children, one, only with children pentecostais/neopentecostais and other with children of historical churches with the purpose of studying and comparing the behaviors and the problems of apprenticeship and checking if same they are tied to the excessive rigidity of the parents, consequently that of the churches, or not.

**Words keys:** Child, behavior, apprenticeship, pentecostais, neopentecostais.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1. A CRIANÇA COMO SER HISTÓRICO E SOCIAL</b> .....	<b>12</b>
1.1 A visão histórica da infância .....	12
1.2 O Papel do Brinquedo e do Jogo no Desenvolvimento da Criança .....	18
1.2.1 O Lúdico no Patrimônio Bíblico e no Cristianismo Primitivo .....	24
1.3 A Influência de outros povos na Educação Brasileira .....	27
1.4 O conceito corpo, culpa e prazer numa visão cristã. ....	31
<b>2. PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO</b> .....	<b>36</b>
2.1 Protestantismos no Brasil. ....	36
2.1.1 Do Protestantismo de Imigração para o protestantismo de Missão.....	38
2.1.2 Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro .....	41
2.2 Escolas protestantes .....	42
2.3 A inserção do Pentecostalismo na Republica dos Estados Unidos do Brasil. ....	45
2.3.1 Escola Bíblica Dominical: como instrumento para inserção de doutrinas e uso e costumes em adultos e criança. ....	48
<b>3. PESQUISA</b> .....	<b>54</b>
3.1 Módulo 01:.....	54
3.2 Módulo 02:.....	60
3.3 Módulo 03:.....	63
3.4 Módulos 04: Observações.....	67
3.5 Gráficos representativos.....	72
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	<b>81</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>86</b>
<b>6. APÊNDICE</b> .....	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa ora apresentada visa a estudar as características comportamentais e o desempenho acadêmico das crianças da Educação Infantil, oriundas das Igrejas Pentecostais e neopentecostais e como a doutrina religiosa pode influenciar o seu comportamento no âmbito escolar.

Como me propus em elaborar uma dissertação em Ciências das Religiões sobre o comportamento religioso e desempenho de crianças da Educação Infantil, surge à necessidade de explicar o porquê do interesse no assunto. Esse interesse surgiu há três anos, quando em uma turma a qual lecionava, tinham um grande número de crianças de Igrejas protestantes neopentecostais e pentecostais (principalmente pentecostais de costumes, mais rígidos), e pude então perceber, atitudes diferentes no comportamento dessas crianças, que os diferenciavam dos demais alunos da sala, que não participavam da mesma comunidade de fé (igreja).

Verifica-se em nossa experiência que os problemas de comportamento e também de aprendizagem, não são apenas de ordem psicopedagógica, mas também de ordem bio-psico-socio-cultural e religioso.

Percebe-se que há uma grande confiança nas palavras ministradas, pelos pastores, ministros, e obreiros das igrejas pentecostais e neopentecostais, que acabam influenciando no comportamento das crianças na escola. E isso acaba gerando um desconforto e inquietude das crianças, pois em alguns momentos elas comentem algo que não é ensinado por seus familiares e líderes religiosos, como se maquiar, dobrar o short para ficar mais curto, dançar e cantar música não gospel, assim isto os deixam ansiosos e tristes, com sentimentos de culpa e de pecado.

Durante o curso de Mestrado em Ciências das Religiões, houve um amadurecimento em estudar o tema, devido à própria experiência vivenciada. Tendo em vista que esta temática é pouco abordada até mesmo pelos profissionais da educação, resolvi dedicar-me ao tema por interesse pessoal, mas ele vai ser de extrema relevância aos profissionais da educação.

Em nossa experiência com crianças, verifica-se vários problemas de ordem religiosa, além de outros, mas como nosso interesse é o aspecto religioso, nos deteremos nele, trabalhando e aprofundando a questão.

Este trabalho consta de duas partes: uma teórica com pesquisa bibliográfica e outra com pesquisa de campo realizada no Centro Municipal de educação infantil “CMEI” Darcy Vargas, municipal, sediada no Bairro Santo Antônio, em Vitória - Espírito Santo, com crianças de 06 (seis) anos, da Educação Infantil.

Na pesquisa bibliográfica abordaremos temas que nos ajudarão a refletir sobre a História da Infância e também a Educação do Protestantismo no Brasil. Serão analisados pontos de vistas a respeito do corpo, como este era visto no cristianismo pelos estudiosos. Ainda faremos apontamentos sobre o brinquedo, o brincar, o lúdico numa visão cristã e o jogo na sociedade da antiguidade e até nossos dias.

Na pesquisa de campo, foram elaborados questionários para ser assim respondidos:

Questionário nº 01 – apresenta dados gerais sobre o desenvolvimento infantil abrangendo aspectos intelectuais, de socialização e adaptação, esquema corporal afetivo, comportamento apresentado pelo aluno na escola, saúde e dados sobre a família. Esse questionário foi respondido pela criança, e algumas questões foram respondidas pelos professores.

Questionário nº 02 – com questões mais específicas respondidas pelos pais de alunos.

Questionário nº 03 – com questões mais específicas respondidas pela criança.

Questionário nº 04 – com questões mais específicas respondidas pelos professores.

Foram pesquisadas 12 crianças de Igrejas pentecostais/neopentecostais e 13 crianças de igrejas históricas. Pesquisaram-se os dois grupos, fazendo uma comparação, sobre comportamentos, aprendizagem, desempenho, socialização, etc. Pretende-se com essa divisão verificar se o 1º grupo sofre alguma influência da religião dos pais e se ética apresentada pela religião está interferindo no comportamento e aprendizagem das crianças.

É evidente que, ao tratar de um tema novo, fundamentaremos a presente investigação, que tem como propósito verificar, de forma concisa, as evidências das características comportamentais religiosas das crianças na Escola. Mas também não se podem evitar as normais inferências, fruto de observação direta de nossa experiência como educadora e amante do fenômeno religioso.

Para melhor compreensão do tema o presente estudo será dividido em 3 (três) capítulos. Alguns referenciais teóricos foram se definindo, dando sustentabilidade na construção de paradigmas. Sendo a pesquisa dividida em três capítulos, foram utilizados alguns referenciais teóricos, que se complementaram para a unidade do estudo.

No primeiro capítulo resgata-se de forma objetiva, a história da Infância, abordam questões do lúdico no patrimônio bíblico, o papel do brinquedo, jogos e conceitos de corpo, culpa e prazer numa visão histórica. Foram utilizados como principais para fundamentar este capítulo os teóricos como: Philippe Áries, Jean Piaget, Paulo Freire, e Lev Semenovicth Vygotsky.

O segundo capítulo discorre sobre a questão Educação e protestantismo no Brasil, como chegou ao país, também implantação dos colégios protestantes e fatores que contribuíram para inserção dos pentecostais e neopentecostais no Brasil. O referencial teórico para o segundo capítulo se encontra nas obras de: Antônio G. Mendonça, Leôncio Basbaun, Émile G. Leonard, Gedeon Alencar, Osvaldo H. Hack, Luiz Longuini Neto e outros.

O terceiro capítulo apresenta a pesquisa de campo e estabelece uma reflexão mais aprofundada. Constam de questionários que serão respondidos pelos pais, crianças e também pelos professores. Serão utilizados gráficos representativos para dar visibilidade ao trabalho.

Encerra-se a introdução afirmando que as Ciências das Religiões como saber constituído e reconhecido em nosso país, devem-se sentir chamada a compreender esse comportamento religioso que se apresenta das escolas do nosso país.

## 1. A CRIANÇA COMO SER HISTÓRICO E SOCIAL

### 1.1 A visão histórica da infância

Pensar a infância permite-nos entender não somente a sua história, mas também as diversas relações construídas em torno de sua concepção. Em estudo da história da infância da criança através dos tempos, com Philippe Aries verifica primeiramente o lugar da criança na nossa sociedade tradicional e faz um paralelo com a sociedade medieval e como alguns costumes praticados nessa época se tornaram aspectos essenciais da nossa sociedade.

Na Idade Média as crianças aprendiam pela observação e pelas práticas, vendo os adultos trabalhando e fazendo as coisas. A educação era garantida por essa convivência, as famílias da sociedade medieval não tinham a preocupação de transmitir valores e conhecimentos para as crianças de sua época, essas famílias tinham como missão transmitir às crianças a conservação de bens e práticas de um ofício que as possibilitariam a sobreviver naquela sociedade. As famílias medievais não tinham função afetiva, isso não significa que o amor não estava presente, mas havia um conceito de individualidade nas famílias nucleares da Europa medieval e que levou as crianças para segundo plano na vida do casal.

Também não havia preocupação em representa-las no seio da família, a passagem da criança pela família era muito insignificante para que não tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representa-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981, p.17.

A partir do século XIII, houve mudanças em relação ao olhar para infância, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Entretanto a escola não surgiu com função demográfica, às escolas não eram destinadas às crianças, eram destinadas a instrução dos clérigos, jovens ou velhos, então frequentavam em uma mesma sala crianças com idade de 10 a 13 anos e adolescentes de 15 a 20 anos. E foi a partir desse século que surgiram alguns tipos de crianças um pouco mais próximos do sentimento moderno, Aries fala do surgimento de um “anjo, representado sob aparência de um rapaz muito jovem, um adolescente, um *Clergeon*’.’<sup>2</sup>

Era a idade das crianças mais ou menos grandes, que eram educadas para ajudar à missa, e que eram destinadas às ordens, espécies de seminaristas, numa época em que não havia seminários, e em que apenas a escola latina se destinava à formação dos clérigos.<sup>3</sup>

Mas apesar desse novo olhar, a vida da criança era pouco considerada na Idade Média, naquela época o infanticídio era abafado, havia somente uma preocupação da sociedade cristã que era com a “vida futura”, pós- morte e assim a vida física não era olhada com muita atenção. “Não se pensava, como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande numero”.<sup>4</sup>

Aries traz em seus estudos que, para a sociedade medieval, que era na sua maioria cristã, todo homem e toda mulher deveria ser batizado, e em meados da Idade Média os adultos não davam muita importância em batizar crianças, e em casos graves até se esqueciam de fazê-los.

Essa indiferença era uma consequência direta e inevitável da demografia da época. Persistiu até o século XIX, no campo, na medida que era compatível com o cristianismo, que respeitava na criança batizada a alma imortal. Consta que durante muito tempo se conservou no país Basco o hábito de enterrar na casa, no jardim, a criança morta sem batismo.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> ARIES.1981, p.18.

<sup>3</sup> ARIES.1981, p.18.

<sup>4</sup> ARIES.1981, p.22.

<sup>5</sup> ARIES.1981, p.22

Devido esses acontecimentos houve uma pressão dos pastores medievais para que forçassem os pais a batizarem seus filhos logo após o nascimento, daí surgiu o ato que as parteiras se incumbiam de batizar as crianças logo após o parto, antes que morressem.

Como na Idade Média a indiferença pela vida da criança era muito grande, não havia a preocupação de fazer registros de nascimento, certidões, fotos, batismos, quadros pintados das crianças nada forçavam os indivíduos a esses atos além das suas próprias consciências ou da pressão de opinião pública.

Acredita-se que foi somente no século XVIII que os párocos passaram a manter seus registros com exatidão ou a consciência da exatidão que um Estado moderno exige de seus funcionários de registro civil. A importância pessoal da noção de idade deve ter-se afirmado à medida que os reformadores religiosos e civis a impuseram nos documentos, começando pelas camadas mais instruídas da sociedade, ou seja, no século XVI, aquelas camadas que passavam pelos colégios.<sup>6</sup>

Mas com o passar dos séculos os medievais evoluíram e nos séculos de XIV e XV, os artistas buscam representar gestos graciosos das crianças desde a primeira infância, como a de crianças procurando o seio da mãe, correndo e brincando, agora a visão da criança, está cada vez mais próxima do sentimento moderno, a arte começa representar as crianças.

Na arte francesa a criança era representada nas suas pinturas por uma criança nua e em geral assexuada, também na arte gótica aparece outro modelo de criança nua, e outros, o corpo humano agora começa a representar a beleza absoluta, aparecem então várias representações artísticas, e podemos destacar o putti<sup>7</sup>, o tema foi bem recebido na Europa medieval, e de acordo com Aries” a nudez do putti conquistou até mesmo o Menino Jesus e outras crianças sagradas”<sup>8</sup> e a iconografia que antes era somente religiosa passa a ter um lugar mais profana, também nos séculos XIV e XV as crianças aparecem nos retratos da família, dentro de grupos ou de multidão.

---

<sup>6</sup> ARIES, Philippe. 1981, p.2

<sup>7</sup> PUTTI.Termo vem do latim putus e no campo da história da arte é retirado do Inglês para outras línguas.

<sup>8</sup> ARIES, Philippe. 1981, p.26

No século XVI surge a iconografia dos retratos de crianças mortas e marca a história dos sentimentos em relação às crianças.

“A criança, como vimos, não estava ausente da Idade Média, ao menos a partir do século III, mas nunca era modelo de um retrato, de um retrato de criança real, tal como ela aparecia num determinado momento da vida.”<sup>9</sup>

Mas tarde no século XVII esses retratos ficaram numerosos, pois nesses retratos as crianças se separavam da família, trazendo à tona a sensibilidade a esses seres frágeis e ameaçados, daí o reconhecimento que a alma da criança está ligada a cristianização mais profunda dos costumes.

A criança do século XVII era vista diferente dos séculos anteriores, agora até sua vestimenta se diferencia dos adultos, também nesse século foi fixada uma idade pela literatura pedagógica e moralista para criança estudar, e a partir dos sete anos de idade a mesma já poderia frequentar a escola ou trabalhar. A sociedade do século XVII tem uma mudança considerável no processo de formação dos seres humanos e essa mudança alterou o estado das coisas em dois aspectos: a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação; isto significa que a criança deixou de viver só com adultos e de aprender a vida, diretamente, através do contato com eles, sendo chamadas à razão e também as crianças foram separadas dos adultos e mantidas à distância, antes de serem soltas no mundo. Essa quarentena ocorria nas escolas, no colégio.

Esse momento histórico que ocorre no século XVII é marcado por vários acontecimentos importantes, como a chegada da Ciência moderna, que modificou a sociedade daquela época, a ciência começa a abrir novos caminhos assim a religião começa a ser mais privativa, ela não atua mais tanto na esfera pública.

---

<sup>9</sup> ARIES, Philippe. 1981, p.21.



[...] à medida que o processo de passagem se concretizava, o homem aumentava sua confiança em si, em suas potencialidades individuais e sociais, contrariamente à anterior confiança plena em Deus, e inaugurava gradativamente uma nova fase de relações entre os homens. Foi o momento em que a burguesia começou a se constituir. Nessa transição, o ponto de partida era uma estrutura de economia feudal que estava findando, e o ponto de chegada, uma incipiente economia capitalista que dava seus primeiros passos na constituição da nova estrutura da sociedade.<sup>10</sup>

Não houve uma mudança real e profunda de mentalidades, mas houve algumas mudanças na vida material e espiritual, nas relações com o Estado e depois da família, e a criança conseqüentemente ganhou com isso.

Já no século XVIII, o vocabulário referente à infância e a adolescência ampliou-se progressivamente, principalmente entre as famílias nobres. Nesta fase, a família muda seu sentido, agora não é apenas uma unidade econômica, a cuja produção tudo deve ser sacrificado. Torna-se então lugar de refúgio, lugar de afetividade onde se estabelecem relações de sentimento entre casal e os filhos, lugar de atenção à infância. Essa situação é o começo de uma evolução que triunfará nos séculos XIX e XX.

Surge então nos séculos XIX e XX um novo sentimento em relação às crianças, os pais agora se interessam pela educação dos seus filhos, as famílias começam então a se organizar em torno das crianças e a dar importância e atenção para elas.

Mas até finais do século XIX, a idéia de que as crianças tivessem algum tipo de direitos era praticamente inexistente. Uma das primeiras manifestações, neste sentido, foi a realizada por Kate Wiggin em "Children's Rights" em 1892, mas os pequenos tiveram que esperar até 1948, ano no qual a Organização das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde estes direitos foram reconhecidos de maneira detalhada e implícita.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> GASPARIN, João Luiz. Comênio ou da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994, p.32.

<sup>11</sup> SER CRIANÇA no início do Século XX não era nada fácil. Disponível em [http://www.mdig.com.br/Metamorfose Digital](http://www.mdig.com.br/Metamorfose_Digital). Acesso em 05/08/2013.

Durante a Assembléia Geral das Nações Unidas, no dia 20 de novembro de 1989, representantes de centenas de países aprovaram a Declaração dos Direitos da Criança. Ela foi adaptada da Declaração Universal dos Direitos Humanos, porém, voltada para as crianças.

Por volta dos anos 70, na América e em muitos outros países europeus, a criança ganha um grande espaço e passa então a ter lugar na sociedade, e a história da pedagogia medieval começa então a ser estudada, e a criança que antes não era vista como importante na sociedade medieval agora é objeto de estudos para vários trabalhos acadêmicos, e já agora no século XXI as mesmas, além de deterem a nossas atenções também adquiriram leis, voz e espaço na nossa sociedade e no Brasil não foi diferente.

As políticas educacionais da década de 1970, voltadas à educação de crianças de 0 a 6 anos, pautaram-se na educação compensatória, com vistas à compensação de carências culturais, deficiências lingüísticas e defasagens afetivas das crianças provenientes das camadas populares. Influenciados por orientações de agências internacionais e por programas desenvolvidos nos Estados Unidos e na Europa, documentos oficiais do MEC e pareceres do então Conselho Federal de Educação defendiam a idéia de que a pré-escola poderia, por antecipação, salvar a escola dos problemas relativos ao fracasso escolar.<sup>12</sup>

Ressalte-se que a atenção à qualidade da educação infantil se inicia a partir da década de 1990. E fazendo análise da trajetória da Educação Infantil brasileira, demonstra-se que ela assumiu e ainda assume diferentes funções, muitas vezes, simultaneamente, ora predominantemente assistencialista, ora com caráter compensatório e ora com características educacionais. A concepção de criança, por sua vez, passou por transformações que conduziram ao surgimento de inúmeras interpretações sobre como proceder no atendimento de crianças, em creches e pré-escolas, e sabemos que é importante ficar claro o real objetivo da educação infantil.

---

<sup>12</sup> NUNES, M. F. R. Educação infantil: instituições funções e propostas. In: Salto para o futuro - o cotidiano na educação infantil. 2006. Disponível em [www.tvebrasil.com.br/salto](http://www.tvebrasil.com.br/salto). Acessado em 05/08/2013 p.15.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais a elaboração das propostas pedagógicas deveria ocorrer, conforme dispõe o Art. 4º, tendo em vista:

[...] que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.<sup>13</sup>

Partindo desse princípio que a criança é sujeito histórico e de direito, e que essa criança necessita vivenciar momentos lúdicos, é importante ressaltar o importante papel do brinquedo e o jogo na educação infantil e como eles contribuem para o desenvolvimento infantil.

## 1.2 O Papel do Brinquedo e do Jogo no Desenvolvimento da Criança

O desenvolvimento infantil tem suas bases para formação do ser humano, a personalidade é entendida como resultado da interação de fatores constitucionais e fatores ambientais. Entende-se por fatores constitucionais tudo que herdamos através dos genes e que adquirimos ainda em vida intra-uterina e assim essa constituição é a bagagem que trazemos ao nascer. E os fatores ambientais são todas as vivências das crianças, inclusive as situações pelas quais passam ao crescerem, incluindo as experiências com as pessoas com quem convivem.

O ser humano, durante toda sua vida, está em constante adaptação, e se adequa às exigências do meio em que vive, procurando satisfazer suas necessidades internas, e às pressões ambientais. Essa adaptação se dá com muito esforço e com conflitos próprios do desenvolvimento. Com o estudo de Jean Piaget, fica claro que as crianças não raciocinam como os adultos e apenas gradualmente se inserem nas regras, valores e símbolos da maturidade psicológica, essa inserção se dá mediante dois mecanismos: assimilação e acomodação.

<sup>13</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil. Diário Oficial da União, 18 dez. 2009b. Seção 1, p.18.

Para Piaget "a assimilação e a acomodação são (...) os dois pólos de uma interação entre o organismo e o meio, a qual é a condição de todo funcionamento biológico e intelectual".<sup>14</sup>

Para a criança, o aprender passa por um processo que não tem lógica do conhecimento final, como é visto pelos adultos. Do ponto de vista construtivista de Piaget, a criança passa por um processo de adaptação, assimilação e acomodação para gerar o equilíbrio construindo o conhecimento, e uma das ferramentas para essa construção do saber é através das brincadeiras e jogos que contribuem para esse crescimento.

Ao enfrentarem seus conflitos evolutivos, a criança lança mão dos mecanismos de adaptação que tendem a se repetir conforme o resultado obtido durante a situação conflitante, isto se servirem ou não para o alívio da ansiedade e estes mecanismos tendem a se integrar na personalidade, resultando daí os traços do caráter. Segundo Taille apud Piaget;

Piaget tem justamente o cuidado de pensar a moralidade associando-a ao desenvolvimento geral da criança. As fases deste desenvolvimento são solidárias da evolução da afetividade, da socialização, naturalmente, da inteligência.<sup>15</sup>

Em um estudo inicial da psicanálise foi apresentado à teoria catártica que vem de catarse, que significa purificação espiritual por meio do emocional. Essa técnica foi modificada por Freud resultando hoje no que conhecemos por psicanálise, (...) Freud escreveu "A psicanálise é [...] uma criação minha".<sup>16</sup> E ele assim como Piaget, ressalta a importância do brinquedo e do jogo na função definitiva no ser em crescimento, ou seja, muitas vezes o simples ato de jogar bola, pode criar em uma criança um efeito catártico lhe permitindo liberar emoções enclausuradas e encontrar alívio no imaginário.

---

<sup>14</sup> PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Petrópolis: Vozes, 1996.p.309.

<sup>15</sup> PIAGET, Jean. *O juízo moral*. [tradução Elzon Leonardon]. São Paulo: Summus, 1994. p. 17.

<sup>16</sup> REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: De Freud à atualidade*. v.7. São Paulo: Paulus.2006.p.62

Freud ainda destaca que a criança diferencia o imaginário do real, durante suas brincadeiras e de acordo com ele;

Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o brincar infantil do fantasiar.<sup>17</sup>

Vale ressaltar que independentemente da teoria, todos teóricos citados enfatizam que o brincar é importante no desenvolvimento infantil, e também tem um papel fundamental no contexto sociocultural da criança.

O psicólogo Vygotsky observa o desenvolvimento infantil e acredita que a aprendizagem acontece de fora para dentro, e que as funções mentais superiores são constituídas ao longo da história social do homem, para o estudioso o homem constrói, cria, transforma seu modo e sua ação. E de acordo com Bruner apud Vygotsky;

Ao abordar desenvolvimento intelectual e linguístico das crianças, Vygotsky desenvolve o seu tema relacionado à interiorização do diálogo em fala interior e pensamento, opondo seu ponto de vista ao então adotado por Piaget, que considerava o desenvolvimento da fala como supressão do egocentrismo, fornecendo, assim, tanto à psicologia quanto a linguística, a mais profunda análise da fala interior.<sup>18</sup>

Vygotsky diverge de alguns pontos do pensamento de Piaget, assim verificaremos resumidamente, dentre os seus pressupostos teóricos e metodológicos básicos, aqueles que nos interessa e deixar de considerar aqueles errôneos, bem como os fatos que ele deixa de examinar em sua caracterização do pensamento infantil.

---

<sup>17</sup> FREUD, S. Escritores criativos e desvaneios (M.A.M.Rego, Trad) Em J.Salomão (org.), Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud ( Vol,9,p. 149- 150).Rio de Janeiro: Imago. (original fabricado em 1908)

<sup>18</sup> VYGOTSKY, Lev Semenovicth. Pensamento e Linguagem. [Tradução Jeferson Luiz Camargo]. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 9.

Se pensarmos pelas primícias vygotskiana as crianças quando inseridas nos signos, em um meio de vida seja ele cultural, religioso, artístico e outros, assim recebem desde muito pequenas o que é chamada por ele por “instrumentos psicológicos” podendo influenciar na sua vida adulta.

Os signos, por sua vez, também chamados por Vygotsky de “instrumentos psicológicos”, são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo; dirigem-se ao controle das ações psicológicas, seja do próprio indivíduo, seja de outras pessoas. São ferramentas que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas, como os instrumentos.<sup>19</sup>

Para Vygotsky “é enorme a influência do brincar no desenvolvimento de uma criança”.<sup>20</sup> O jogo é para criança uma das coisas mais importantes da sua vida, o jogo nas mãos do educador é um excelente meio de formar a criança, por essas razões todos que lidam com a educação de crianças, e devem não só fazer jogar como utilizar a força educativa do jogo, mas é necessária uma certa habilidade, para conseguir algum êxito junto as crianças.

O professor ao ministrar a aula deve torna-las algo proveitoso, pois as mesmas por muitas vezes tornam-se meras repetições de exercícios educativos, ficando assim uma aula monótona e como consequência vazia, por isso é importante procurar soluções, com a utilização dos jogos para despertar na criança o interesse pelo estudo, passando ser algo prazerosa e com responsabilidade. De acordo com Mukhina:

O pré-escolar começa a estudar brincando. O estudo é para ele uma espécie de jogo dramático com determinadas regras. A criança assimila sem se dar conta, os conhecimentos elementares. Para o adulto, o estudo é algo muito diferente do jogo. Influenciada pelo adulto a criança vai mudando de atitude: o estudo passa a ser algo desejado. Ao mesmo tempo, cresce sua capacidade de estudar.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky Aprendizado e Desenvolvimento Um Processo Sócio- Histórico. São Paulo: Scipione, 1993.p 30.

<sup>20</sup>VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.p.109.

<sup>21</sup> MUKHINA, V. Psicologia da idade pré-escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1995.p.166.

Vivemos uma época em que a tecnologia avança aceleradamente inclusive na educação, mas as atividades lúdicas não podem ser esquecidas no cotidiano escolar; porque a alternativa de trabalhar de maneira lúdica em sala de aula é muito atraente e educativa, e de acordo com Ronca;

O movimento lúdico, simultaneamente, torna-se fonte prazerosa de conhecimento, pois nele a criança constrói classificações, elabora seqüências lógicas, desenvolve o psicomotor e a afetividade e amplia conceitos das várias áreas da ciência.<sup>22</sup>

O brincar para criança tem grande valor, não é uma simples descarga de energia, pois a criança ao manipular os seus brinquedos, procura projetar-se no mundo, abrir-se para conquistas e aquisições, no intuito de melhor se situar em relação aquilo que lhe é exterior.

A brincadeira não é apenas uma necessidade da criança, é um direito também garantido por diversos instrumentos legais, entre outros, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/ 1990), Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI/ 1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/ 1999). O jogo na Educação Infantil é um recurso pedagógico, um material necessário ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, que deve ser elaborado segundo a realidade que cada grupo de crianças está inserido, levando em conta os conhecimentos e habilidades já adquiridas e permitindo colocar em prática um ideal de educação que priorize seu desenvolvimento psíquico.

Para que isto ocorra é necessário compreender o pedagógico como cultural, a criança como sujeita e o jogo como uma forma pela qual a criança entende o mundo, cria suas fantasias e histórias. A criança interage com o meio, a cultura, os valores, as relações e os papéis sociais por meio do jogo e assim constrói sua personalidade, conhecendo a si mesmo e a realidade que a cerca.

Como já foi dito na educação infantil, os jogos e brincadeiras estão presentes em todo o trabalho pedagógico, seja ele dirigido ou não, na hora do faz de conta, do brincar de papai e mamãe, de médico e paciente, professor e aluno, polícia

---

<sup>22</sup> RONCA, P.A.C. A aula operatória e a construção do conhecimento. São Paulo: Edisplan. 1989.p. 27.

e ladrão e outros, é nesse momento que o professor pode observar como a criança sente o mundo que a cerca, e também evidenciam as regras, a questão de respeito, preconceitos, crenças, os valores transmitidos pela família, comunidade e igreja a qual estão inseridos. Por isso a presença do professor nessas brincadeiras não pode passar despercebida pelos alunos é importante mostrar as crianças, a capacidade de análise, avaliação e intervenção que temos adquirido nesse processo ensino aprendizagem.

[...] a educação é uma forma de intervenção ao mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução de ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.<sup>23</sup>

Em todo ato de ensinar, principalmente para criança é necessário à presença de um adulto, um interventor, assim ele irá mediar o conhecimento para esse ser em construção, e as brincadeiras e jogos são coisas serias para elas e merecem ser ensinadas com respeito e seriedade.

Nesse trabalho, serão usadas as palavras jogo, lúdico, brinquedo, num sentido amplo, pois essas palavras pertencem aos tópicos: alegria e divertimento.

Verifica-se também que desde a Antiguidade os jogos e brincadeiras existiam e a bíblia sagrada será a nossa fonte bibliográfica para entender melhor essas pratica, pois trata dos brinquedos, dos jogos, do lúdico e suas funções educativas no âmbito religioso, assim alguns textos bíblicos nos remetem a informações dessas brincadeiras e formas lúdicas das crianças da Idade Antiga, ou seja, que podem exemplificar melhor essas práticas.

---

<sup>23</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 98.



### 1.2.1 O Lúdico no Patrimônio Bíblico e no Cristianismo Primitivo

Encontra-se na bíblia várias passagens que nos remete a informações a respeito do lúdico e da infância. No livro de Zacarias 8:5 diz assim: “E as ruas da cidade encherão de meninos meninas que nelas brincarão”, referindo-se ao messias anunciado<sup>24</sup>.

Também em Gênesis 21:9, “Sara percebeu o filho nascido de Abraão da egípcia Agar que brincava com seu filho Isaque”<sup>25</sup>, e ainda em Jó 21:11, diz assim: “Deixem as crianças correrem como cabritos e seus pequenos saltarem como cervos”.<sup>26</sup>

O povo judeu diferente de outros povos, não davam tanta atenção à diversão quanto os romanos e os gregos, e o cristianismo primitivo de certa forma seguiu muito da tradição judaica, e de modo geral foi condenado diversas formas de recreação, na maior parte da história. No século IV podemos destacar a contribuição de Santo Agostinho, que viveu o conflito de conciliar o cristianismo e o espírito da época, e em sua obra Confissões descreve como eram vistos pelos adultos os jogos infantis.

Contudo, pecávamos por negligência escrevendo ou lendo, estudando menos do que era exigido; e não era por falta de memória ou inteligência, que para aquela idade, Senhor, me deste de modo suficiente, senão porque eu gostava de brincar, embora os que nos castigavam não fizessem outra coisa. Mas os jogos dos mais velhos chamavam-se negócios, enquanto que os dos meninos eram por eles castigados, sem que ninguém se compadecesse de uns e de outros, ou melhor, de ambos. Um juiz sensato poderia aprovar os castigos que eu menino, recebia porque jogava bola, e porque com este jogo atrasava o aprendizado das letras, com as quais, adulto haveria de jogar menos inocentemente?<sup>27</sup>

<sup>24</sup> A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida: Rio de Janeiro. Ed. Kings Cross Publicações. 2006. p.1222

<sup>25</sup> A BÍBLIA Sagrada. 2006.p.27

<sup>26</sup> A BÍBLIA Sagrada. 2006.p.734

<sup>27</sup> AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Martin Claret. 2007.p. 39.

Agostinho também já fazia observações dos “jogos” vividos pelos adultos, analisando-os pela psicologia contemporânea e chamava a atenção para a similaridade das emoções vividas por crianças e adultos ao brincarem ou ao jogarem. Na reinterpretação de Agostinho da tradição helenista, pode-se dizer que as crianças tinham o recreio, os brinquedos e atividades lúdicas, sob uma concepção platônica, e é possível observar que o cristianismo primitivo sofreu influências de vários setores da filosofia grega. A Patrística baseada em Platão foi uma das primeiras formas de cultura e educação na Alta Idade Média e de acordo com Agostinho:

E não era desobediente para me ocupar de coisas melhores, mas por amor do jogo; buscava nos combates orgulhosas vitórias; deleitava-se com história frívola, com as quais incentivava sempre mais minha curiosidade. Igualmente curiosos, meus olhos se abriam sempre mais para os jogos e espetáculos dos adultos, jogos que dão tão grande dignidade a quem os oferece, que quase todos desejam as mesmas dignidades para seus filhos. Contudo, gostam de os castigar se com tais espetáculos fogem dos estudos, por meio dos quais desejam que eles venham um dia a oferecer espetáculos semelhantes. Senhor olha misericordiosamente para essas coisas, e livrar-nos delas a nós que já te invocamos; mas livra também aos que ainda não te invocam, a fim de que te invoquem, e sejam igualmente libertados.<sup>28</sup>

Essa tradição dos jogos serem considerados pecaminosos exerceu grande influência posterior nas escolas cristãs, inclusive sobrevivendo com a reforma chegando até aos nossos dias. É preciso verificar se Santo Agostinho, nas suas Confissões, foi tão claramente contra a “natureza infantil” e contra os jogos e brinquedos.

Com o passar dos séculos, os pensadores cristãos perceberam a necessidade de aprofundar sua fé, em uma tentativa de harmonizá-la com as exigências do pensamento filosófico, surge da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a cristandade. E o ensino escolástico contribuiu para essa manutenção e Agostinho Hipona como já citado acima foi um dos maiores representantes do pensamento escolástico, e o seu pensamento também influenciou a vida infantil.

---

<sup>28</sup> AGOSTINHO.2007.p. 40.

A escolástica pode dividir-se em três períodos: Escolástica primitiva (sécs. IX ao XII); Escolástica média (sécs. XII e XIII) e Escolástica tardia (sécs. XIV e XV).

O ensino escolástico na época medieval contribuiu para a manutenção do poder da Igreja Católica em relação a formação não só eclesiástica pois versava por interligar a fé a razão. Acabou simultaneamente por gerir através das escolas monásticas e catedralísticas a produção filosófica e literária a mentalidade medieval em suas relações sociais, econômicas e culturais.<sup>29</sup>

É importante lembrar que as atividades lúdicas na idade média, eram vivenciadas pelas crianças por pouco tempo, pois assim que as crianças podiam ser autossuficientes, elas logo se misturavam com os adultos, seus afazeres e seus jogos, pois as famílias só começaram a preocupar-se com questões afetivas e pedagógicas a partir do século XVII, daí a escola torna-se substituta para educação pela vida.

Verifica-se ainda que na primeira metade do século XVII a escolástica ainda influenciava essa sociedade, “[...] a Escolástica conservou uma influência considerável; continuou sendo a filosofia oficial, a da Igreja, dos Colégios, a eventualmente protegida pelos poderes públicos”.<sup>30</sup>

É uma tentativa de organização racional do dado humano na perspectiva da fé, através de instrumentos conceituais de origem peripatética. Por outro lado, é obra exclusivamente de homens da Igreja e de professores, preocupados acima de tudo em defender e transmitir as ideias reveladas. Daí suas principais características.<sup>31</sup>

Desse modo a educação perpassava dentro do que era considerável para igreja apropriado ou não. Alguns textos da história, que retratam a vida cotidiana de várias sociedades e culturas posteriores à Idade Média, permitem-nos apreciar melhor a visão da infância e dos jogos e de como chegaram ao Brasil, por isso vamos nos deter, mas nas sociedades e culturas que exerceram certas influências no Brasil.

<sup>29</sup> SANDRELLI. Ilinane. A Escolástica como Instrumento de Ensino Filosófico e Literário na Idade Média. Disponível em: <http://www.correiodatarde.com.br>. Acesso em: 04/09/2013.

<sup>30</sup> GALVÃO, Maria Ermantina. Prefácio. In: DESCARTES, René. Discurso do Método. [Tradução Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 1996.p.8

<sup>31</sup> GALVÃO, Maria Ermantina. 1996. p.8.

### 1.3 A Influência de outros povos na Educação Brasileira

Os portugueses exerceram grande influência na educação brasileira, tanto na questão religiosa quanto na pedagógica. Com o objetivo de dominar totalmente o Brasil, a coroa Portuguesa envia seus primeiros jesuítas que dão início ao um processo de aculturação indígena, e baseando-se em Mattos apud Ribeiro;

[...] o êxito da arrojada empresa colonizadora; pois que somente pela aculturação sistemática e intensiva do elemento indígena aos valores espirituais e morais da civilização ocidental e cristã é que a colonização portuguesa poderia lançar raízes definitivas.<sup>32</sup>

Verifica-se que a educação jesuíta era tão forte que determinou em nossas escolas, uma pedagogia voltada para a crença cristã, e os outros credos assim não eram bem visto e aceitos no currículo da escola, e essa influência sobreviveu até mesmo após a Reforma de Pombal, no século XVIII. A herança dos portugueses e jesuítas gerou uma pedagogia e uma disciplina de vencedores sobre vencidos, de conquistadores sobre conquistados, de senhores de escravos, onde dói a palmatória, o mestre detentor do saber, os castigos das crianças sobre o milho.

Mas a aculturação não foi um processo fácil, principalmente na população indígena adulta, por isso os jesuítas investiram muito na educação das crianças. E de acordo com Teixeira.

O público-alvo era preferencialmente as crianças, pois com elas os padres recolhiam o material para a organização da língua e expandiam sua obra catequizadora, ensinando-os as cantigas pias, repetidas para os parentes em sua própria língua. O menino indígena foi, afinal, o eixo da atividade missionária no Brasil Colônia.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> RIBEIRO, M. L. S. História da educação brasileira. 16. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.p.14

<sup>33</sup> TEIXEIRA, Olga Suely, CORDEIRO, Rubério de Queiroz. Educação jesuíta: objetivo, metodologia e conteúdo nos aldeamentos indígenas do Brasil colônia. Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais) 1. Acesso 11.09.2013.p.4.

Do ponto de vista das atividades de produção, o currículo jesuítico era sem utilidade prática visível para economia fundada na agricultura rudimentar e no trabalho escravo, mas logo a elite percebeu a importância e o poder dessa educação para formação de seus representantes políticos e conseqüentemente intervenção no poder público.

O ensino que os padres jesuítas ministravam era completamente alheio à realidade da vida da Colônia. Desinteressado, destinado a dar cultura geral básica, sem a preocupação de qualificar para o trabalho [...]. As atividades de produção não exigiam preparo, quer do ponto de vista de sua administração, quer do ponto de vista da mão-de-obra. O ensino foi assim conservado à margem, sem utilidade prática visível para uma economia fundada na agricultura rudimentar e no trabalho escravo.<sup>34</sup>

A chegada dos imigrantes ao Brasil trouxe novos saberes para a sociedade daquela época, pois com eles chegaram novas técnicas agrícolas, como a rotação de culturas, assim como o hábito de consumir mais legumes e verduras e desse modo a educação também passa a sofrer influência desses novos povos.

No Brasil do século XIX, a política de imigração visava atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas. O imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades.<sup>35</sup>

E várias foram as influências dos imigrantes, os holandeses influenciaram o Brasil, principalmente no nordeste, pois as escolas na Holanda eram caracterizadas pela disciplina severa e pelos castigos e essa prática também foi aplicada no nosso país. Os franceses influenciaram nas artes, literatura, educação e nos hábitos sociais, além dos jogos hoje incorporados à lúdica infantil, especialmente em São Paulo, é grande a influência dos italianos na arquitetura. A eles também se deve uma pronunciada influência na culinária e nos costumes, estes traduzidos por uma herança na área religiosa, musical e recreativa.

<sup>34</sup> ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.p.34.

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. O Brasil dos imigrantes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.p.13.

Os alemães contribuíram na indústria com várias atividades e, na agricultura, trouxeram o cultivo do centeio e da alfafa. Os japoneses trouxeram a soja, bem como a cultura e o uso de legumes e verduras. Os libaneses e outros árabes divulgaram no Brasil sua rica culinária.

Os negros africanos e os índios influenciaram a educação no Brasil, com os seus costumes, jogos, danças e brincadeiras. Os negros com suas danças, Cateretê, Coco, Batuque, Samba, Tambu, Choro, Capoeira, Sambalelê, Carola e outros, envolviam as crianças nas brincadeiras e ensinavam suas tradições. Os índios influenciaram na educação das crianças, pela forma que tratavam as crianças na posição da vida tribal e também com suas brincadeiras.

“a educação indígena era eminentemente empírica, consistindo, antes de mais nada, em transmitir através das gerações uma tradição codificada. A escola era o lar e o mato; muito mais importantes as lições do exemplo que as palavras “.<sup>36</sup>

Assim esses povos acima citados e também vários outros aqui não citados, influenciaram positivamente e negativamente a educação brasileira, pois é sabido que esse encontro de culturas, com conseqüente incorporação, assimilação e/ou modificações das idéias a respeito da infância, do jogo e das brincadeiras, constituem características da infância e da escola brasileira de hoje.

Na educação infantil o lúdico se faz presente, as brincadeiras fazem parte da rotina da escola, mas ainda existem situações que nos chamam atenção e é importante destacarmos. Sabe-se que os castigos não são mais permitidos nas escolas brasileiras, mas o quadro não é totalmente diferente daquela época, encontramos situações parecidas com o que relatamos acima, porém como a lei prevê punições para castigos corporais, atualmente alguns professores usam castigos diferentes destes, que muitas vezes não são fáceis de serem provados, mas são até piores, pois são os castigos psicológicos, dos cantinhos do pensamento, privação de brincadeiras, alimentos e outros, sendo verdadeiras torturas mentais e emocionais para com os alunos.

---

<sup>36</sup> TOBIAS. José Antônio. História da educação brasileira. 3. Ed. São Paulo: Ibrasa, 1986.p.31.

Verifica-se que nesse aspecto, a religião também teve e tem papel relevante para no reforço das torturas que chegaram à escola. À priori com os jesuítas, onde a igreja Católica que estava do lado dominador apresenta uma educação para sujeição e que teve um grande efeito no ambiente escolar por vários anos. Mas tarde, com o Protestantismo, que chegou ao Brasil com seus missionários americanos sua teologia anticatólica, dando ênfase uma teologia dogmática, a ética social e a moral dos costumes, pregando sua religião do “não”, onde não pode isso, não pode aquilo, tudo é pecado, mudando assim também o ambiente escolar, pois para poder dominar, procuraram tirar ou acabar com a cultura do povo, chegando ao ponto de intervir junto às famílias no sentido de educar seus filhos.

No contexto escolar encontra-se, até mesmo na Educação Infantil, crianças de 5 e 6 anos que dizem que sua religião não permite certos jogos, esportes e brincadeiras ou atividades culturais, porque são consideradas pecado. E de acordo com Azevedo;

A ênfase da moral de costumes recaiu sobre a pedagogia da diferença: o protestante é aquele que não faz aquilo que o católico faz: não gasta dinheiro naquilo que não é pão: logo, não fuma, não bebe (bebida alcoólica), não joga, não frequenta bailes, não etc. Ele é honesto, trabalhador, sabe ler (pelo menos a bíblia ), logo, progride na vida.<sup>37</sup>

Verifica-se que a religião vem servindo de instrumento de sujeição, dominação e medo, e que não é pregada a religião do amor, tão propagada por Jesus Cristo. Distorcem a imagem de Deus trazendo descontentamento e rancor, e de acordo com Gondim “pior, desenvolveram uma concepção rancorosa de Deus. Para esses jovens, ele é um enorme estraga-prazeres, que arbitrariamente nega toda e qualquer atividade divertida”<sup>38</sup> e esse descontentamento é perceptível até mesmo na educação infantil, quando uma criança diz que não pode jogar bola, porque a mãe diz que é pecado, participar de festas culturais, como carnaval, junina, bailes, etc.

<sup>37</sup> AZEVEDO, Israel Belo. A Celebração do Indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Editora Unimep ; São Paulo: Êxodo, 1996.p. 172.

<sup>38</sup> GONDIM, Ricardo. É proibido. O que a Bíblia permite e a igreja proíbe. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2010.p.12

#### 1.4 O conceito corpo, culpa e prazer numa visão cristã.

A experiência com o corpo é um aspecto muito importante, pois quando o indivíduo tem problemas de adaptação, seja geral ou específico, observa-se que ele tem sempre dificuldades consigo mesmo. O corpo além de ser origem de todo conhecimento, ele também é igualmente meio de relação e de comunicação com o mundo externo e estas relações podem provocar constantes transtornos psicomotores e psicológicos se não forem bem trabalhadas desde a infância.

A criança que tem consciência de seu próprio corpo consegue, com mais facilidade identificar desenhos complexos, figuras simples etc. Da mesma forma, se uma criança é capaz de sentir as relações que existem entre pessoas, ela possui de igual modo o sentido do seu próprio papel em sua família e nos diferentes grupos sociais. A criança só poderá se reconhecer como indivíduo quando toma consciência de ser ela mesma, em qualquer parte do meio ambiente. O corpo só pode se diferenciar como instrumento funcional e como meio de relação quando suas propriedades e seus limites forem conscientemente experimentados.

Numa visão histórica cristã, o corpo sempre foi visto como algo que deveria ser preservado, pois ele é templo e morada de Deus e a igreja tem papel importante na preservação deste corpo. Com o passar dos anos, ocorreram algumas exceções como: a diferença entre corpo e carne trazida por reformadores protestantes, a proposta educativa de missões protestante de inserir a educação física nas escolas, a ênfase dos adventistas, na higiene, alimentação do corpo etc. Mas a cultura católico-romanos ibéricos de contra reforma era fortemente anticorpo e, mais tarde as igrejas protestantes mais rígidas também professam uma agressiva visão anticorpo. E segundo Cavalcanti, “O sem numero de regras opressivas dos usos e costumes que oprimem os crentes se dirigem prioritariamente aos corpos, nestes à sexualidade, principalmente feminina”.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> CAVALCANTI. Robinson. A Utopia Possível: Em busca de um cristianismo integral. Viçosa. MG: Ultimato Ltda.1993.p.157.



Em estudo sobre como a criança vêem seu corpo e sente a sexualidade, podemos destacar Freud, que em suas investigações na prática clínica sobre as causas e o funcionamento das neuroses, descobre que a maioria de pensamentos e desejos reprimidos refere-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, ou seja, na vida infantil que muitas vezes estavam às experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais, e confirmasse assim, que as ocorrências deste período da vida deixam marcas profundas na estruturação da pessoa. E Freud apud Reale, se posiciona em relação essa sexualidade infantil, para ele; “A sexualidade infantil, portanto é autoerotismos, que se manifesta como conquista do prazer, que encontra em zonas erógenas do corpo um objeto de prazer”.<sup>40</sup>

Essas descobertas feitas por Freud colocam a sexualidade no centro da vida psíquica, e é postulada a existência da sexualidade infantil. Estas afirmações tiveram profundas repercussões na sociedade puritana da época, pela concepção vigente da infância como inocente.

Estas experiências do corpo em relação com o meio conduz o sujeito a construir esquemas, que funcionam como estruturas internas. São esses esquemas ou conhecimento constante de seu corpo que permitem à criança realizar suas diferentes ações e continuar suas experiências até a elaboração definitiva do se ego, e de acordo com Freud apud Sklar:

“Pessoalmente, nada contribuí para a aplicação da psicanálise à pedagogia; mas era natural que os descobrimentos analíticos referentes à vida sexual e desenvolvimento anímico das crianças atraíssem a atenção dos pedagogos, deixando ver uma nova luz sobre seu trabalho educador. Neste sentido, foi um infatigável precursor o pastor protestante Oskar Pfister, de Zurique (...)”.

<sup>41</sup>

<sup>40</sup> REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. 2006.p.66.

<sup>41</sup> Sklar, Sérgio. A Pedagogia Freudiana? Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/> espaço acadêmico. Acesso 06/09/2013. p.100.

Freud apud Sklar manifesta-se claramente a favor da educação infantil, considerando-a decisiva para deter ou desencadear neuroses:

“É muito plausível o fato de que a educação da criança possa exercer uma poderosa influência a favor ou contra o que resulta numa disposição à neurose, mas aquilo para o que a educação deve aspirar e no que intervém, permanecem pontos absolutamente discutíveis”<sup>42</sup>

A influência aqui mencionada está atrelada a uma mudança de perspectiva com relação aos meios educacionais. Em poucas palavras: minimizar a dominação ou repressão das pulsões que estão na base do comportamento infantil, como instrumento prioritário para a atuação do educador.

As experiências da criança de prazer e dor, o sucesso ou fracasso, felicidade e tristeza, são sempre vivenciadas corporalmente, ou seja, de forma psicomotora, ao acrescentarmos valores sociais que o meio dá ao corpo e a certas partes dele, este termina por ser investidos de significações, de sentimentos e de valores muito particulares e absolutamente pessoais, e o professor precisa estar atento a essas experiências.

Sabemos que toda criança precisa de uma educação psicomotora, isto é, ela aprende a conhecer o seu corpo, a nomear as partes dele, a usa-lo livremente, a ter domínio sobre ele, a expressar-se com ele, a coloca-lo de maneira positiva, a manusear instrumentos que exijam coordenação fina, como usar as mãos, os dedos e a coordenação ampla, grandes movimentos, os braços e as pernas, por exemplo, correr, pular, saltar e etc. A psicomotricidade abrange três aspectos: motor, cognitivo e afetivo, portanto abrange o indivíduo na sua totalidade.

Esses aspectos são importantes para o conhecimento do nosso corpo, e muitos deles são negados nas igrejas pentecostais e neopentecostais, quando não permitem as crianças praticarem aulas esportivas ou que participarem de atividades culturais que dão prazer ao corpo, trazendo frustrações e gerando sentimentos de

---

<sup>42</sup> Sklar, Sérgio. A Pedagogia Freudiana? Acesso 06/09/2013. p.102.

inferioridade, principalmente sentimento de culpa e negação do corpo, e esses sentimentos se instalam nas crianças ainda pequenas. “O grande desafio para os evangélicos é o de não condenar ou afastar-se da cultura por medo de ceder ao mundanismo”.<sup>43</sup>

Em nossa cultura, muitas pessoas estão ou cheias de sentimento de culpa e vergonha ou sofrem depressão, muitas vezes devido problemas externos que influenciaram a sua vida emocional. O sentimento de culpa não advém de emoção verdadeira originada da experiência do prazer e da dor e suas raízes não estão nos processos biológicos do corpo. Só o ser humano possui sentimento de culpa, por isso a culpa é produto da cultura e dos valores que caracterizam a cultura, esses valores são incorporados nos princípios morais e nos códigos de comportamento, ensinados à criança primeiro pelos pais, pela escola e também pela igreja, fazendo assim parte da estrutura do ego e mais tarde do superego da criança.

O superego propriamente dito aparece num momento mais tardio, sendo com certeza o herdeiro do complexo de Édipo. Um e outro são os lados de uma mesma moeda. Cada um possui especificidades próprias e maneiras de formação diferentes, e articulando-se produzem o que há de mais rico na subjetividade humana: as múltiplas faces dos sentimentos de culpa, moralidade, dever e ideais.<sup>44</sup>

Como a pesquisa vem tratando de crianças oriundas de igrejas pentecostais e neopentecostais, e como se comportam no âmbito escolar, percebe-se por muitas vezes, que é a sensação de culpa que fazem as crianças agirem de maneira destrutiva impedindo os processos naturais de auto regulação do corpo. Verifica-se que tanto os pais, os professores e líderes religiosos, podem influenciar as atitudes da criança, ao repetirem muitas vezes que ela está errada, por agir ou terem atitudes de maneira que os adultos consideram inadequados, assim ela poderá desenvolver um sentimento de culpa e acreditará que é má.

<sup>43</sup> GONDIM, Ricardo.2010.p.39

<sup>44</sup> FREUD, S. **O ego e o id**. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIX. p.49.

O sentimento de vergonha é semelhante ao de culpa, tem um efeito desintegrador da personalidade, a vergonha se origina da consciência de inferioridade. Vergonha e humilhação andam de mãos dadas, ambas roubam a dignidade do indivíduo, seu auto respeito e seu sentimento de que é igual ou tão bom quanto os outros. Pode-se fazer uma análise que esses sentimentos de culpa, vergonha e humilhação estão ligadas à educação que a criança recebe em casa, na escola e na igreja, pois estão sendo incorporados aos princípios morais das mesmas.

Teóricos da aprendizagem têm examinado diversos padrões que reforçam que o ambiente, influencia o comportamento e a personalidade das crianças. Esses teóricos também não rejeitam a biologia, concordam que as propensões herdadas afetam para o comportamento, mas considera o ambiente a fonte principal para essa influência.

Ainda assim, considerando a influência do ambiente e da cultura no desenvolvimento, este tem uma dinâmica e ritmo próprios, resultantes do que Wallon chama de princípios funcionais que agem como leis constantes. Os fatores orgânicos são os responsáveis pela seqüência fixa entre os estágios do desenvolvimento, embora não garantam uma homogeneidade no seu tempo de duração (as circunstâncias sociais interferem nesse aspecto).<sup>45</sup>

Como se pretende verificar o comportamento de crianças vindas de igrejas pentecostais e neopentecostais será feito um breve estudo do protestantismo brasileiro com ênfase no pentecostalismo e neopentecostalismo, para melhor conhecer como se dá a educação religiosa dessas igrejas, e analisar se esse ambiente a qual estão inseridas influência ou não no âmbito escolar.

---

<sup>45</sup> GUEDES. Adriane Ogêda. A psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon: Desenvolvimento da comunicação humana nos seus primórdios. Disponível em [http://museudainfancia.unesc.net/memoria/expo\\_escolares/GUEDES\\_psicogenese.pdf](http://museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_escolares/GUEDES_psicogenese.pdf) Acesso 06/06/2013. p.5.

## 2. PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO

Nesse capítulo será feito um breve histórico da inserção do protestantismo brasileiro e as iniciativas educacionais (escolas e colégios) implantadas no Brasil por igrejas protestantes históricas. De acordo com Mendonça, “um vácuo religioso”, foi determinante para a inserção do protestantismo em terras predominantemente católicas do Brasil. Este espaço vazio foi criado por um Estado que aspirava por uma religião, aberta para a modernidade, uma igreja próximo de perder suas prerrogativas históricas, voltava-se para si mesma no intuito de reforçar-se institucionalmente, mas nos marcos do conservadorismo<sup>46</sup>.

Não cabe aqui discorrer extensamente sobre a tipologia dos diversos tipos de protestantismo. Foram consideradas aqui, as principais igrejas protestantes históricas. Procurara-se analisar a inserção da educação protestante no Brasil, se hoje em dia as Igrejas protestantes em especial as pentecostais e neopentecostais, tem preocupação com o ensino secular, ou se a educação só se faz presente na igreja dentro dos departamentos da Escola Bíblica Dominical.

### 2.1 Protestantismos no Brasil.

O Tratado de Comércio e Navegação firmado entre o Brasil e a Inglaterra, em 1810 foi uma das primeiras concessões feitas para que os partidários da Reforma se instalassem em território brasileiro<sup>47</sup>. O Tratado concedia o direito dos britânicos em solo brasileiro de praticar, a religião protestante.

<sup>46</sup> MENDONÇA. Antônio Gouvêa. Protestantismo, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo, SP: UMESP. 1997.p.72.

<sup>47</sup> HAUCK. João Facundes et al. A Igreja no Brasil no século XIX: segunda época. 3ªed. São Paulo: Paulinas; Petrópolis. RJ. Vozes. 1992.p.237.

Reily afirma que no séc. XVII os tratados entre portugueses e britânicos já garantiam aos britânicos a prática da religião protestante em território português, mesmo em suas províncias, neste caso no Brasil. No Tratado de 1810 o império foi obrigado a permitir a fundação de uma comunidade anglicana, em solo brasileiro por interesses comerciais e religiosos da então Grã-Bretanha e, no mesmo tratado a condenar o tráfico de escravos <sup>48</sup>.

Conforme Prien, “a necessidade de incrementar a imigração cresceu proporcionalmente à pressão britânica no sentido de proibição do tráfico de escravos”<sup>49</sup>. O tratado favoreceu diretamente a inserção do protestantismo no Brasil. A liberdade religiosa só foi possível com a publicação na constituição do império Brasileiro, de 1824, após a independência do Brasil.

As regras de imigração no Brasil só previam a chegada e permanência de católicos romanos em território brasileiro. Porém, o interesse socioeconômico na imigração proporcionou, gradativamente, uma abertura a imigração de não católicos. A partir de 1834, as províncias portuguesas podiam adotar leis específicas que favoreciam a imigração para suas províncias. Esta abertura favoreceu a imigração principalmente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Segundo Hauck et al, a imigração alemã foi a que trouxe o maior número de protestantes para o Brasil. Estima-se que 1830 tenham chegado ao Brasil cerca de 4 mil e oitocentas pessoas e este fluxo continuou por todo século XIX com uma média de mil e setecentas pessoas por ano <sup>50</sup>.

Em 1824 fundavam-se as primeiras igrejas protestantes no Rio de Janeiro e em São Leopoldo, RS, com a chegada dos primeiros alemães nessas regiões. Em 1822 foi inaugurada a primeira capela anglicana no Rio de Janeiro como parte do Tratado de 1810. Todavia foi com os alemães que o protestantismo consolidou-se no Brasil. Os pastores dessas igrejas recebiam salários do tesouro

---

<sup>48</sup> REILY, Duncan Alexander. História documental do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste. 1984. p.24.

<sup>49</sup> PRIEN, Hans-Jurgen. Formação da Igreja evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Petrópolis, RJ; São Leopoldo, RS: Sinodal. 2001.p.32-33.

<sup>50</sup> HAUCK. et al. 1992.p.23

público o que indica uma política consistente e autorização legal para a prática de sua fé. Entretanto a relação entre o Estado e os imigrantes protestantes nem sempre foi amigável<sup>51</sup>.

### 2.1.1 Do Protestantismo de Imigração para o protestantismo de Missão

Para tratar do protestantismo de missão, é necessário primeiramente citarmos o movimento dos Irmãos Morávios. Este movimento surgiu na comunidade de Irmãos, na Boêmia, por volta de 1453, com a participação de seguidores de João Huss. A Comunidade de Irmãos se dispersou com a proibição do protestantismo na Morávia, em 1627. Mas ressurgiu, posteriormente, na Saxônia, liderada pelo conde Nicolaus Ludwig Von Zinzendorf. O movimento institucionalizou-se sob o nome de Igreja Morávia, dando início às missões. Longuini Neto apresenta as regiões e as datas dos projetos missionários dos morávios: Ilhas Virgens (1732); Groenlândia (1733); América do Norte (1734); Lapônia e América do Sul: Guianas (1735); África do Sul (1736); e América Central (1849). Em 1836 o trabalho dos Morávios era conhecido no Brasil, principalmente, pelas realizações com os índios da América do Norte.

Nessa época o Regente do Império, padre Diogo Antônio Feijó, ordenou ao Marquês de Barbacena, ministro em Londres, que entrasse em contato com os irmãos morávios para convidá-los a virem para o Brasil<sup>52</sup>. Para Vieira foi o jansenismo<sup>53</sup> e o liberalismo<sup>54</sup> que favoreceram a expansão do

---

<sup>51</sup> HAUCK, et al.1992,p.239.

<sup>52</sup> LONGUINI NETO, Luiz. O novo rosto da missão: os movimentos ecumênicos e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa, MG: Ultimato, 2002.p.68.

<sup>53</sup> O jansenismo foi definido como " a doutrina de Santo Agostinho vista com olhos calvinistas".Os partidários do jansenismo, mais politizados, eram contrários ao absolutismo monárquico. No Brasil imperial os adeptos de Jansen eram encarados como porta-vozes do progresso, da liberdade religiosa, da insurreição burguesa contra o absolutismo decadente.

<sup>54</sup> o liberalismo aqui é entendido como o conjunto de ideias e doutrinas que visam a assegurar a liberdade individual no campo da política, da moral e da religião.

protestantismo em terras católicas<sup>55</sup>.

Conforme Hauck, o ano de 1835 foi o marco divisório entre o protestantismo de imigração e o protestantismo de missão, quando a Conferencia Geral da Igreja Metodista Episcopal dos EUA enviou Fountain E. Pitts para fazer uma análise do campo missionário brasileiro. Justin R. Spaulding foi enviado ao Rio de Janeiro pelos metodistas, após a leitura do relatório favorável de Pitts<sup>56</sup>.

No protestantismo de imigração a liderança protestante tinham suas intenções voltadas para atender as necessidades espirituais de seus compatriotas em terras estrangeiras. O discurso era proferido na língua vernácula da comunidade. O protestantismo estava restrito ao círculo dos estrangeiros, o ambiente nacional era dos católicos. A falta de interesse em se fazer prosélitos, facilitava o bom relacionamento com a religião oficial do Estado. Porém a partir do momento da chegada de missionários<sup>57</sup>, o protestantismo começa a se apresentar como sectário, combativo, propagandista e adepto do proselitismo. Os ataques à religião oficial do Estado eram desenvolvidos como estratégia de propaganda explícita e faziam parte dos esforços de um projeto missionário para levar adiante a missão.

Outra estratégia para firmar presença dos protestantes no ambiente nacional foi à educação como um Cavalinho de Tróia. “O primeiro missionário presbiteriano no Brasil, Ashbel Green Simonton, elegeu a escola como instrumento indispensável para consolidação do seu trabalho”.<sup>58</sup>

Em meados de 1837 a Igreja Metodista Episcopal aumentava seus esforços missionários com o envio de mais pregadores de missão, entre eles estava Daniel Parish Kidder que percorreu o Brasil por mais de dois anos para divulgar a Bíblia por incumbência da Sociedade Bíblica Americana.

---

<sup>55</sup> VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil. 2ª Ed. Brasília: UNB, 1980.p.31.

<sup>56</sup> HAUCK, et al.1992,p.241.

<sup>57</sup> O termo missionário é aqui empregado para designar aquele que é enviado por uma entidade religiosa e que chega ao Brasil para fazer propaganda do cristianismo e não para cuidar exclusivamente de uma comunidade de imigrantes já estabelecidas em solo brasileiro ou em fase de fundação. A função principal do missionário é fazer prosélitos.

<sup>58</sup> HACK. Osvaldo Henrique. Protestantismo e Educação Brasileira. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2000.p.59.



Os trabalhos realizados pelos missionários da Conferencia Geral da Igreja Metodista Episcopal dos EUA no Brasil parecem não ter sofrido uma forte oposição da Igreja Católica ou hospitalidade da população, mas também não passou ileso. A Sociedade Bíblica Americana continuou, em escala modesta, a distribuição de bíblias através do pastor presbiteriano James Cooley Fletcher que chegou ao Brasil em 1851. Como Capelão da Legação Americana no Brasil recebe proteção oficial como adido. Pouco depois é promovido a Secretário Interino da Legação.

O pastor James Cooley Fletcher ao escrever uma carta ao seu pai deixa claro que não se sente apenas pastor dos marinheiros e dos americanos residentes no Rio, ele sentia-se em parte responsável pela evangelização dos brasileiros. “A partir de um dado momento, seu objetivo passa a ser o de “converter” o Brasil ao protestantismo e ao “progresso”. Para ele, o protestantismo equalizava-se ao desenvolvimento econômico científico e tecnológico”<sup>59</sup>.

Fletcher escreveu para Robert Reid Kalley para ajudá-lo nos trabalhos de distribuição de Bíblias. Kalley se estabeleceu nas imediações do palácio imperial e procurou de imediato se aproximar do poder político. Para Hauck et al [...] “ tal procedimento fazia parte de uma política de boas vizinhanças para evitar as perseguições que sofrera na Ilha da Madeira”<sup>60</sup>.

Portanto o conceito de missão de Fletcher era de fazer amigos entre as classes da alta sociedade a fim de obter proteção oficial para si e para seus colegas. Fletcher teve um papel importante na história do protestante brasileiro, embora os esforços do Rev. Alexander Latimer Blackford, o primeiro historiador do movimento missionário protestante no Brasil, tenham sido no sentido de minimizar essa importância.

Historiadores brasileiros e estrangeiros, quem têm lidado com o assunto, têm a tendência de seguir o esquema de Blackford. Ainda que muitos mencionem Fletcher, passam por cima de seu papel vital e do seu auxílio ativo aos primeiros missionários protestantes no Brasil <sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> VIEIRA, David Gueiros. 1980.p.63.

<sup>60</sup> HAUCK, et al.1992,p.243.

<sup>61</sup> VIEIRA. 1980.p.67-68.

### 2.1.2 Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro

Em 1859, Ashbel Gren Simonton foi enviado ao Brasil pela Junta das Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana nos EUA e em 1855 teve uma experiência religiosa durante um avivamento, despertando o seu interesse pela obra missionário.

Em meados de 1862 Simonton organizou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Em 1865 foi criado o primeiro Concílio do Presbitério do Rio de Janeiro, após a organização das três primeiras igrejas Presbiterianas no Brasil: Rio, São Paulo e Brotas. Também criou o jornal Imprensa Evangélica (1867) em Campo de Santana. Simonton com o objetivo de assegurar o futuro das igrejas evangélicas no Brasil apoiou a construção de escolas junto às igrejas. E de acordo com Osvaldo Blackord apud Hack;

“Rio de Janeiro- Inauguramos uma escola diária para meninos e meninas... a mesa administrativa em Nova Iorque já nomeou uma mestra para esta escola ( Miss Mary P. Dascomb)... Miss Dascomb já havia morado no Rio, aonde vivera em 1866, para ser preceptora dos filhos do Cônsul norte-americano. Nessa época, encontrou-se com Simonton e fez amizade com ele. A escola iniciou-se suas aulas em 1868”.<sup>62</sup>

Essas escolas serviam de suporte para educação das crianças, filhos de presbiterianos, de forma a suprir a ineficiência do sistema pedagógico brasileiro e também para despertar a solidariedade da comunidade que a frequentava. E assim o objetivo da igreja também era alcançado, pois além alfabetizar também ensinava o ensino religioso da bíblia.

O trabalho missionário de Simonton foi muito importante para o Brasil, seu sucesso só não foi maior, conforme Hauck, porque “na sua abnegação extrema, abriu um campo missionário após o outro sem planejamento e com muitas dificuldades de comunicação com o presbitério”.<sup>63</sup>

Mas o movimento protestante brasileiro continuou avançando no campo de batalha das relações de poder com a religião oficial.

---

<sup>62</sup> HACK. 2000.p.64.

<sup>63</sup> HAUCK, et al.1992,p.246.

## 2.2 Escolas protestantes

Os missionários que vieram do norte dos Estados Unidos partilhavam de um conceito de evangelização que incluía conscientemente a educação como estratégia para moldar, em longo prazo, uma nova sociedade, formando pessoas cujos valores fossem influenciados pela cultura anglo-saxã. Isso implicava na liberdade de consciência e religião, o livre comércio e os ideais de progresso da época.

O problema da educação para os missionários tem um sentido mais totalizante: ultrapassa os limites de uma expressão evangélica, engloba-se em uma concepção de vida. Para a tradição do protestantismo americano, religião, democracia política, liberdade individual e responsabilidade são concebidas como parte de um todo, que está envolvido por uma inflexível fé na educação.<sup>64</sup>

O sucesso que os colégios protestantes obtiveram no Brasil no final do século XIX e início do século XX foi grande, e explica-se pelo fato de que preencheram um vazio na cultura brasileira. A situação educacional pública no Brasil, desde a expulsão dos jesuítas, era de muita precariedade, não havia bibliotecas públicas, universidades e o ensino primário eram praticamente inexistentes e longe dos grandes centros urbanos. A educação no Brasil Império, era privilégio de um pequeno grupo da elite ligada às oligarquias agrárias que ou enviava os filhos para estudar fora do país ou contratava professores/as estrangeiros que gozavam de muito prestígio junto à sociedade.

Conforme Elias, as escolas públicas da época eram:

Extremamente precárias, funcionavam em prédios adaptados e, muitas vezes, na residência do professor. As classes com alunos de diferentes idades e graus de conhecimento e em número excessivo eram atendidas por apenas um professor, em geral não habilitado a ministrar aulas. O currículo adotado não ia além das primeiras letras, noções de gramática portuguesa, um pouco de aritmética, além de aulas avulsas de francês e latim.<sup>65</sup>

<sup>64</sup> RAMALHO, J. P. Colégios protestantes no Brasil: uma interpretação sociológica da prática educativa dos colégios protestantes no Brasil no período de 1870 a 1940. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.p.79.

<sup>65</sup> ELIAS, B. V. Inovação americana na educação do Brasil. Nossa História. São Paulo: 2005. p. 82.

Essa precariedade, fez com que ocorresse uma afinidade entre a classe média republicana e os ideais dos primeiros educandários missionários protestantes, pois acreditavam que a educação protestante pudesse introduzir alguma novidade ao sistema educacional brasileiro, com seu método indutivo, ao contrário da educação católica e do Estado, pautadas no método dedutivo e de memorização, pois o método dos protestantes tinha como característica principal levar a criança ao desenvolvimento de suas faculdades mentais por meio da observação. Segundo Hack;

A eficiência do ensino era a preocupação permanente dos colégios evangélicos, buscando-se métodos que assegurassem eficiência no trabalho, aproveitando todas as horas e oportunidades. A escola devia preocupar-se com o desenvolvimento do indivíduo nos seus aspectos físico, intelectual e social. A eficiência do ensino era avaliada pelo sucesso alcançado pelo aluno através do trabalho, esforço e caráter.<sup>66</sup>

Acreditavam que as escolas americanas protestantes com suas propostas pedagógicas pudessem trazer novas práticas para o país, e de fato isso ocorreu pois com os missionários, chegam também suas experiências das escolas de paróquia, e, mais tarde essas experiências os beneficiaram para criação de grandes colégios americanos como: Batistas e Adventistas e, posteriormente, as universidades que temos até hoje como a Mackenzie e Adventista.

Vale lembrar que não só os missionários americanos contribuíram para a educação protestante do Brasil e também para construção de escolas e universidades que temos até hoje, pode-se citar também as de origem alemã (Colégios e Universidades Luterana) e inglesa (Colégios e Universidades Metodistas). Destaca-se a educação norte-americana, por ser a pioneira no país e de acordo com Hack; "Varias denominações religiosas evangélicas, ao se dedicarem ao ensino, procuraram aplicar o sistema pedagógico norte- americano nas escolas e colégios que fundaram no Brasil".<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> HACK. 2000.p. 78

<sup>67</sup> HACK. 2000.p. 102

Muitos colégios protestantes foram criados devido à perseguição movida contra os filhos de evangélicos, e essas escolas ganharam força, devido à qualidade de ensino e a renovação pedagógica, esses colégios atraíram também os filhos de famílias não evangélicas da alta sociedade, e isso ocorreu por volta de 1911, justamente no período de ascensão dos pentecostais no Brasil.

O movimento pentecostal que surgiu na mesma época, multiplicou-se, e o número de evangélicos no país cresceu, esse crescimento aumentou mais ainda a perseguição da igreja católica para com os protestantes em geral, principalmente na área educacional. E agora muda o cenário da educação protestante no Brasil, pois o crescimento a rápida expansão do pentecostalismo, é visto com maus olhos pela elite, generalizando as escolas protestantes como escolas de pobres e ignorantes, de educação para pessoas de baixa renda, sem classe. E de acordo com Cavalcanti;

A existência de um clero nacional melhor qualificado e de um setor de classe média mais bem educado, entre os protestantes, vai concorrer para um surgimento de um “espírito nativista”, de luta por autonomia, em relação às igrejas mães norte-americanas.<sup>68</sup>

Com o passar do tempo às igrejas protestantes brasileiras começaram a conseguir sua autonomia financeira e independência política em relação às matrizes norte-americanas, e o interesse pela educação secular diminuiu.

Quando, na segunda década do século XX, as igrejas protestantes brasileiras começaram a conseguir sua autonomia financeira e independência política em relação às matrizes norte-americanas, a ênfase na abertura de colégios diminuiu bastante em relação às décadas anteriores. Isso se deve a dois motivos: a) conflitos internos entre as primeiras gerações de líderes protestantes brasileiros que várias vezes se envolviam em conflitos pelo poder nas cúpulas eclesiais e nos colégios e b) a penetração inicialmente sutil e posteriormente avassaladora do fundamentalismo norte-americano. Em meados do século XX, o fundamentalismo passou a ser a teologia mais influente nas igrejas protestantes, especialmente entre os pastores que ocupavam cargos de liderança. Muitos seguiam a vertente do fundamentalismo que espera, passivamente a segunda vinda corporal de Jesus Cristo a terra e que não vislumbra qualquer possibilidade ou mesmo necessidade de melhoria na sociedade, pois essa está destinada ao juízo.<sup>69</sup>

<sup>68</sup> CAVALCANTI. Robinson. Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica. São Paulo: Vinde. 1988.p.170

<sup>69</sup> CALVANI. Carlos Eduardo B. A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. Paraná: Revista Pistis Praxis, v.1,n1.2009.p.67

Verifica-se que a maior preocupação política do protestantismo brasileiro de então era o cumprimento da Lei que assegurasse a liberdade de culto, e o fundamentalismo colaborou para o afastamento dos protestantes principalmente pentecostais mais radicais, para as questões que envolviam políticas educacionais, e passaram a ver a educação secular como uma força auxiliar, e não, mas como um elemento central, capaz de impregnar a sociedade com benefícios perenes.

Com isso a preocupação em relação à educação toma outro rumo e agora não se constroem escolas e universidades como antes, pois a foco na educação passou a ser uma educação religiosa, a que pode ser ensinada dentro de sua própria igreja, conseqüentemente essa mudança fez com que diminuísse o numero de evangélicos nas universidades. E de acordo com Cavalcanti; “Nos anos 50 as primeiras, e reduzidas, levas de evangélicos chegam à Universidade, oriundas, principalmente, das denominações históricas e de classe média”<sup>70</sup>.

O cenário político, econômico e religioso que o Brasil estava vivendo nessa época, foi muito impactante para educação protestante do país. Para Cavalcanti;

A crise continental – e especialmente a brasileira – do início dos anos 60 veio atestar que as igrejas evangélicas, após um século de história, não estavam preparadas para enfrentar, de modo lúcido, conseqüente e relevante, as demandas dos novos tempos.<sup>71</sup>

### 2.3 A inserção do Pentecostalismo na Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Foi em um cenário de mudanças econômicas e políticas, com um fluxo imigratório e consolidação da República, que surgem os primeiros pentecostais no Brasil vindo dos Estados Unidos da América do Norte. No período de 1910 desembarcam, precisamente no norte do país, Gunnar Vingren e Daniel Berg fundadores da igreja Assembléia de Deus e Luigi Francescon no sudeste, assentando os primeiros alicerces da Congregação Cristã do Brasil.

<sup>70</sup> CAVALCANTE,1988. p.180

<sup>71</sup> CAVALCANTE,1988. p.181/182

Um dos fatores que contribuíram para a inserção e permanência dos grupos pentecostais no Brasil foi o amplo espaço de atuação que encontram ao chegar no Brasil.<sup>72</sup> De acordo com Kidder havia uma grande lacuna ou espaço vazio que a Igreja Católica não ocupava, tal lacuna favorecia a superstição e uma situação religiosa de desalento<sup>73</sup>. No Estado do Pará, a situação da Igreja católica era também alarmante. Havia falta de clérigos, não havia planejamento para a formação e preparação de novos seminaristas e algumas paróquias, em 1840, já estava há anos sem padre.

Outrossim, a seletividade muito rígida na atuação da Igreja Católica em função da composição da sociedade brasileira. De acordo com Vieira, um levantamento aproximado da composição racial da população brasileira em 1858, que pode servir de base para estimativas do Pará em 1910.

Uma pesquisa realizada por Robert Ave-Lallemant revela que somente 22% da população do Império eram brancas. Os 88% restante, no geral, não contava com assistência da religião oficial do Estado. E quando um padre era obrigado a realizar um serviço religioso para um negro, ficava estampada a desconsideração.

Ao chegarem ao Brasil os primeiros pentecostais encontraram espaço para atuação não só deixado pela Igreja católica, mas também pelos protestantes de missão que estavam no Pará. “De acordo com Alencar, “As igrejas protestantes, até então pequenas, mas todas com aspectos modernizantes da cultura anglo-saxônica que eram distintas da cultura brasileira”.<sup>74</sup>

Um novo movimento religioso protestante nasce neste espaço? Conforme Alencar.

O pentecostalismo [...] é um fenômeno urbano, mas sua principal característica é a marginalidade na qual nasceu proliferou. Seu aspecto mais visível e folclórico é a participação e liderança de negros e mulheres. E, talvez, esta tenha sido a principal causa de sua estranheza no início. Será que o pentecostalismo, mesmo com a glossolalia, se liderado por homens, brancos, ricos e cultos, teria sofrido as mesmas perseguições e preconceitos teológicos?<sup>75</sup>

---

<sup>72</sup> KIDDER, 1980, p.269.

<sup>73</sup> KIDDER, 1980, p.271.

<sup>74</sup> ALENCAR, Gedeon. Assembleia de Deus: Origem, Implantação e Militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010. p.43.

<sup>75</sup> ALENCAR, 2010. p.43

Para Alencar o preconceito é perceptível ao longo da história do pentecostalismo brasileiro, mas também ressalta que o próprio pentecostalismo contribuiu para esse agravamento preconceituoso, quando permitia que seus adeptos, muitos na sua maioria analfabetos, [...] “tivesse sua própria bíblia e a ensinasse, pregasse ou testemunhasse em público, é no mínimo algo inusitado na época”.<sup>76</sup>

A implantação dos pentecostais no Brasil surge com uma atuação discreta, mas a partir de 1950, até 1970, as Igrejas pentecostais tomaram um impulso a ponto de serem difícil hoje, termos dados completos delas, e isto porque muitos grupos que aparecem às vezes são efêmeros e há a itinerância de alguns grupos. Mariano explica como foram estudados os pentecostalismos no Brasil, e como vários pesquisadores dividem os grupos de igrejas pentecostais nacionais. Ele destaca Freston como o primeiro pensador a dividir o pentecostalismo em ondas. E de acordo com Freston apud Mariano.

“O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dizima e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto desta pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são Igreja Universal do reino de Deus(1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (...) o contexto é fundamentalmente carioca”.<sup>77</sup>

Para Rolin apud Alencar, traz outro tipo de divisão, tríplice do pentecostalismo 1. Implantação (1910-35); expansão (1935-50) e 3. enclausuramento na esfera sacral e variadas práticas sociais (1964-1985).<sup>78</sup> Tanto a primeira quanto à segunda forma de divisão, são maneiras encontradas pelos teóricos para fazer compreender esse fenômeno que é o pentecostalismo brasileiro, para assim melhor analisar o pentecostalismo de hoje, com suas várias igrejas, com suas doutrinas e uso e costumes próprios.

<sup>76</sup> ALENCAR, 2010. p.43/44

<sup>77</sup> MARIANO. Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola. 1999. p.29

<sup>78</sup> ALENCAR. 2010.p.47/48



Verifica-se na História, a questão intelectual sempre foi problemática nas igrejas protestantes pentecostais, principalmente em seus primórdios. Neste contexto vale destacar a resistência dos líderes da igreja Assembléia de Deus.

A resistência ao intelectualismo foi muito forte nas primeiras décadas da AD no Brasil, por isso a demora na fundação de seminários. Antes disso, a igreja realizava cursos de aperfeiçoamento de seus pastores que duravam, em média, um mês, e era chamada “Escola Bíblica de Obreiros”, cuja grade curricular era constituída pelas seguintes disciplinas: Doutrina Bíblica, História da Igreja e Noções de Língua Portuguesa.<sup>79</sup>

Também se fez tardia a inserção da escola bíblica dominical, que servem como instrumentos para educação religiosa dos membros e crianças da igreja, pois é a partir daí que a pedagogia se faz presente nas igrejas protestantes, com uma estrutura mais próximo das escolas seculares, porque nessas escolas são utilizadas revistas de lições bíblicas e outros materiais didáticos voltadas para ensinamento da doutrina bíblica da instituição.

### 2.3.1 Escola Bíblica Dominical: como instrumento para inserção de doutrinas e uso e costumes em adultos e criança.

Em 1780, na Cidade de Gloucester, Inglaterra, Robert Raikes, um conceituado jornalista, formou uma escola para atender crianças carentes que não iam à escola porque precisavam trabalhar num regime de doze horas por dia, durante seis dias da semana. Tal escola funcionava aos domingos e tinha a bíblia como texto central para a alfabetização. De acordo com George o objetivo maior era;

“ensinar as crianças a ler as Escrituras, a aprender por si mesmas a Palavra de Deus, a identificar-se com a Igreja, visto que os jovens da sua geração, apesar de viverem num país cristão, eram tão pagãos como os do mundo pagão”<sup>80</sup>

<sup>79</sup> SOUSA. Bertone de Oliveira. Religião e negação da modernidade: a leitura fundamentalista da bíblia nas revistas de escola bíblica dominical da Assembléia de Deus. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao> - acesso em 20/09/2013. p.125/126

<sup>80</sup> GEORGE. Sherron K. Igreja Ensinadora / Fundamentos Bíblicos Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã. São Paulo: LPC Publicações, 1993.p.82.

Em 1786, a escola dominical chega a América do Norte com William Elliot, entre os anos de 1816 e 1817 surge à preocupação com a literatura a ser usada e em 1818, é reconhecida como departamento da igreja. Assim, a idéia de instalar escolas dominicais logo se espalhou por diversos países e, no Brasil, a concretização de Robert Raikes foi seguida inicialmente pelo missionário metodista Justin Spaulding em 1836, ao implantar no Rio de Janeiro a Escola Dominical Sul-Americana, com mais de 40 crianças e jovens distribuídos em um total de oito classes. Contudo, a missão metodista encerra-se no ano de 1841 e, conseqüentemente, encerra também a escola dominical.

Finalmente, no dia 19 de agosto de 1855 chega ao Brasil, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro com o casal Robert e Sarah Kalley, a primeira escola dominical definitiva. As escolas dominicais eram e até hoje são, um dos mais eficazes meios de disseminação do protestantismo no Brasil, pois antes serviu como a fonte mais segura de conversão dos católicos através da leitura e pregação da bíblia, e hoje como instrumento de inserção de doutrinas e usos e costumes para os membros.

A escola dominical é uma estrutura educacional caracterizada pelos ensinamentos bíblicos e pela doutrina de cada igreja protestante, e é nela que os protestantes aprendem os preciosos rudimentos da fé e a bíblia sagrada. Segundo Léonard; “Conversão, instrução e evangelização, são os três “tempos” desse grande móvel do evangelismo brasileiro: a Escola Dominical”.<sup>81</sup>

De forma a dar mais subsídios à pesquisa em relação à educação religiosa das igrejas pentecostais e neopentecostais pode se citar as revistas da escola dominical da Igreja Assembléia de Deus, Lições Bíblicas, uma vez que estas igrejas já possuem um longo período de trabalho com as escolas bíblicas dominicais, e também podemos dizer que além de ser uma das mais antigas igrejas pentecostais, é a igreja pentecostal que mais cresce no Brasil.

---

<sup>81</sup> LÉONARD. Émile.G. O protestantismo Brasileiro: estudo da eclesiologia e a história social. [Tradução Linneu de Camargo Shutzer]. São Paulo: ASTE, 2002.p.345.

No início da década de 1960 já era considerada a maior igreja protestante da América Latina, com quase um milhão de adeptos e uma taxa de crescimento de 15% ao ano.<sup>82</sup>

Esse material didático, Lições Bíblicas, foi criado para o uso exclusivo das escolas bíblicas dominicais, e através dele assim poderem ensinar de forma, mas didática e dinâmica a palavra de Deus, ou seja, a escola bíblica dominical se tornou uma agência de educação popular de que dispõem as igrejas protestantes, a fim de divulgar, de maneira devocional, sistemática e pedagógica, a palavra de Deus, e de acordo com Alencar, principalmente, na Igreja Pentecostal Assembléia de Deus” [...] o que realmente contribuiu para a unidade doutrinária da AD foi a EBD – Escola Bíblica Dominical “<sup>83</sup>.

A priori as lições bíblicas atendiam somente o público adulto, mas a partir de 1938, o público infantil começou a ser contemplado nas revistas e o crescimento na escola dominical foi mais significativo, e nos dias de hoje sabemos que a escola bíblica dominical é um dos departamentos mais importantes das igrejas, porque evangelizam enquanto ensinam e é através dela que os adultos e crianças se inteiram com mais largueza das doutrinas bíblicas.

Em linhas gerais, educar significa desenvolver a capacidade física, intelectual, moral e espiritual do ser humano, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento.

No âmbito da Escola Dominical, educar implica em formar o caráter humano, consoante às demandas da Bíblia Sagrada, a fim de que ele (o ser humano) seja um perfeito reflexo dos atributos morais e comunicáveis do Criador.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> FRESTON. Paul. Breve História do Pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p.71.

<sup>83</sup> ALENCAR. p.145.

<sup>84</sup> ANDRADE. Claudionor Corrêa. Manual do superintendente da escola bíblica dominical. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.p.17/18

Observa-se então que com o passar do tempo às igrejas protestantes e em especial as pentecostais e neopentecostais, mudaram de foco quanto questões educacionais, o que para os protestantes de missão eram considerados muito importantes como: construção de escolas, normatização da educação de cunho protestante, não tem sido a preocupação dos protestantes atuais, agora a educação se faz presente de forma mais efetiva nas escolas bíblicas dominicais e nos institutos para seminários de obreiros e pastores, a educação secular ficou estagnada. E de acordo com Cavalcanti;

A controvérsia do século passado do Evangelho Social versus Evangelho individual, na Europa e na América do Norte, denominada por um sociólogo de “A Grande Reversão”, provocou rupturas profundas na compreensão da missão da Igreja. A maioria dos missionários que aqui aportaram era adepta do evangelho Individual. Isso não quer dizer que não permanecesse, por várias décadas, uma preocupação com o social, com a filantropia, com a criação de escolas e hospitais. Essa preocupação vai sendo paulatinamente reduzida com o avanço das “missões de fé”, com a disseminação de uma escatologia pessimista pré-milenista e pré-tribulacionista, com certas manifestações do pentecostalismo, e, principalmente, com a mobilidade social ascendente dos fiéis, seu processo de aburguesamento e sua instalação na ordem social.<sup>85</sup>

Desse modo a escola secular e especialmente a educação infantil, que é a primeira etapa da educação básica, e priva pela formação integral da criança, deve estar preparada para lidar com a diversidade e a pluralidade religiosa que chegam ao espaço escolar. Pois as crianças que estão inseridas nesse ambiente, já estão carregadas de significados, culturais, sociais e religiosos.

Percebe-se que a criança tem muitas potencialidades na área da religião, e o ser humano tem tendência à transcendência, e na criança, existe uma sensibilidade especial para religiosidade.

---

<sup>85</sup> CAVALCANTI, 1993.p.17

Sofía Cavalletti observa, com toda razão, que o anseio de amar e ser amado é, sem dúvida, um anseio vital que, se for sabiamente guiado por uma pedagogia que mostre o amor de Deus, leva a criança a admiráveis experiências de contemplação e comunhão com ele. Ao colocar a criança em contato com o mundo de Deus para saciar essa fome profunda, foi possível como respostas: serenidade, paz, alegria e encanto. Dever-se-ia perguntar se a satisfação dessa exigência existencial ajuda na formação harmônica de sua personalidade, e quais incidências teriam a falta disso.<sup>86</sup>

Assim quando ensinado a uma criança sobre a existência de um ser transcendente, pode-se influenciar até mesmo a sua personalidade e o seu comportamento, e quando a escola (educação infantil) deixa esse papel somente na responsabilidade das instituições religiosas, corre um risco muito sério, pois o adulto tem uma grande importância para formação e o desenvolvimento da criança, podendo ajudar ou destruir a formação de personalidade da mesma e influenciar o seu comportamento para resto da vida.

[...] O adulto pode ser, inconscientemente, partícipe, desses obstáculos. O adulto pode até não reconhecer que ele mesmo pode ser culpado, do desvio no comportamento da criança. Além da dificuldade em compreender o mecanismo interno da mente da criança e seu comportamento resultante, a percepção de cada adulto varia da de qualquer outro indivíduo.<sup>87</sup>

Desse modo o papel do adulto poderá ser mais ativo de que passivo nessa experiência religiosa, assim um ato espontâneo positivo da criança pode gerar consequências, pois uma vez que educação religiosa for internalizada pela criança, e se esta for mal sucedida acarretará transformações nas atividades psicológicas, sociais e culturais da mesma, porque a internalização, nada mais é que a reconstrução interna de uma operação externa, que de acordo com Vygotsky;

A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com os signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir; são incorporados e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica.<sup>88</sup>

<sup>86</sup> LÓPEZ GONZÁLEZ, Maria Teresa; LÓPEZ RAMÍRES, Carmen Patrícia. A criança e sua relação com Deus. [Tradução Ricardo Souza de Carvalho]. São Paulo: Paulinas, 2008. p.81.

<sup>87</sup> ACOFOREC-Associação Colombiana para Formação Religiosa Católica. O potencial religioso da criança. [tradução Ricardo Souza de Carvalho]. São Paulo: Paulinas. 2008. p.36/37.

<sup>88</sup> VYGOTSKY. Lev. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes. 1991. p.65

Portanto faz-se necessário que as escolas seculares desde a sua primeira etapa da educação básica, ou seja, na Educação Infantil já se preparem para essa nova realidade, uma vez que, mesmo que as igrejas protestantes pentecostais e neopentecostais não estejam mais, implantando e/ou construindo escolas regulares, as mesmas continuam influenciando de alguma forma as crianças no ambiente escolar. Logo o tema religião deve ser trabalhado também nessa etapa de forma sistematizada, assim para dar veracidade a esses questionamentos foi feita uma pesquisa de campo no Cmei Darcy Vargas, grupo 06, em Vitória, ES para verificar essas influências.

### 3. PESQUISA

Nesse primeiro módulo, foram selecionadas algumas perguntas das fichas diagnósticas, que verificam aspectos importantes relacionados às crianças, tais como: a dimensão afetiva, intelectual, social, corporal e saúde da criança / família.

Sabe-se que esses fatores são importantes e devem ser considerados quando se pretende compreender o comportamento e desenvolvimento da aprendizagem da criança no âmbito escolar.

Com base na idéia de que afetividade, inteligência e movimento formam dimensões inseparáveis na constituição e evolução do psiquismo da criança e que esse processo ocorre necessariamente por meio das relações sociais, algumas questões merecem ser analisadas. Essas perguntas serão respondidas por crianças de igrejas pentecostais /neopentecostais e crianças de igrejas históricas, que são alunos do Cmei Darcy Vargas.

#### 3.1 Módulo 01:

Respostas das fichas de diagnósticas, englobando-se alunos de religião pentecostal/neopentecostal (P/N) e de religião de igreja históricas (HT).

#### I – Aspectos intelectuais

14 ) Tem problemas cognitivos ?

P/N - sim – 0	não - 12	em branco - 0
HT- sim - 0	não - 11	em branco – 2

15 ) Retém de uma maneira adequada o que lhe é ensinado ?

P/N - sim – 11	não - 1	em branco - 0
HT - sim – 8	não - 4	em branco - 1

II) Aspectos afetivos.

01) Apresenta-se nervosa e irritada?

P/N - sim – 4	não – 6	em branco - 2
HT - sim - 2	não – 11	em branco – 0

02) Tem sentimentos ambíguos em relação aos pais?

P/N - sim – 5	não – 6	em branco -1
HT - sim – 2	não - 11	em branco – 0

03) É agressiva?

P/N - sim – 1	não - 10	em branco – 1
HT - sim – 1	não - 12	em branco – 0

04) Sente-se responsáveis por suas ações?

P/N - sim – 8	não - 3	em branco – 1
HT - sim – 12	não - 1	em branco – 0

05) Apresenta sentimentos de medo?

P/N - sim – 7	não - 4	em branco – 1
HT - sim – 7	não - 6	em branco – 0

06) Apresenta comportamento de carência afetiva?

P/N - sim – 3	não - 9	em branco – 0
HT - sim – 3	não - 10	em branco – 0

07) Apresenta sentimento de culpa?

P/N - sim – 6	não - 5	em branco – 1
HT - sim – 5	não - 8	em branco - 0



III - Aspectos de socialização e adaptação.

08) Apenas brinca sozinho?

P/N - sim – 2                      não - 9                      em branco – 1

HT - sim – 3                      não - 10                      em branco – 0

09) Vive sozinho, não tem colegas?

P/N - sim – 4                      não - 7                      em branco – 1

HT - sim – 4                      não - 9                      em branco – 0

10) Relaciona-se bem com os colegas?

P/N - sim – 11                      não - 1                      em branco – 0

HT - sim – 13                      não - 0                      em branco – 0

11) Relaciona-se bem com a professora?

P/N - sim – 11                      não - 1                      em branco – 0

HT - sim – 12                      não - 1                      em branco – 0

12) Gosta de brincar com outras crianças?

P/N - sim – 10                      não - 1                      em branco – 1

HT - sim – 12                      não - 1                      em branco – 0

IV) Esquema corporal de conhecimento do corpo.

01) Conhece as partes do corpo?

P/N - sim – 8                      não - 2                      em branco – 2

HT - sim – 9                      não - 4                      em branco – 0



## 6) Nervoso?

P/N - sim – 5	não - 6	em branco – 1
---------------	---------	---------------

HT - sim – 4	não - 9	em branco - 0
--------------	---------	---------------

## 07) É curioso?

P/N - sim – 8	não - 2	em branco - 2
---------------	---------	---------------

HT - sim – 7	não - 3	em branco - 3
--------------	---------	---------------

## 08) É criativo?

P/N - sim – 6	não - 3	em branco - 3
---------------	---------	---------------

HT - sim – 8	não - 1	em branco - 4
--------------	---------	---------------

## 09) É desatento?

P/N - sim – 0	não - 10	em branco - 2
---------------	----------	---------------

HT - sim – 1	não - 11	em branco - 1
--------------	----------	---------------

VI) Saúde

## 01) Tem dificuldade de ler e fazer cópia do quadro?

P/N - sim – 3	não – 8	em branco – 1
---------------	---------	---------------

HT - sim – 1	não – 12	em branco – 0
--------------	----------	---------------

## 02) Cansa-se facilmente?

P/N - sim – 2	não – 9	em branco – 1
---------------	---------	---------------

HT - sim – 3	não – 10	em branco – 0
--------------	----------	---------------

VII) Dados sobre a família

01) Na família há casos de alcoolismo?

P/N - sim – 3                      não – 3                      em branco – 6

HT - sim – 2                      não – 9                      em branco – 2

02) Na família há doença mental?

P/N - sim – 2                      não – 5                      em branco – 5

HT - sim – 1                      não – 10                      em branco – 2

03) Na família há casos de tuberculose?

P/N - sim – 0                      não – 7                      em branco – 5

HT - sim – 1                      não – 9                      em branco – 3

04) A família apresenta-se interessada no desempenho acadêmico da criança?

P/N - sim – 7                      não – 0                      em branco – 5

HT - sim – 12                      não – 0                      em branco – 1

05) A família interfere nas atividades e nas regras escolares da criança?

P/N - sim – 6                      não – 1                      em branco – 5

HT - sim – 8                      não – 4                      em branco – 1

Nesse segundo módulo foi feito um levantamento da religião dos pais dos alunos, aqui foram tratadas as informações dos pentecostais e neopentecostais para fins de análises. Também nesse módulo são verificados se há alguma resistência e/ou proibições dessas igrejas referentes à disciplina de Educação física e atividades sociais.

### 3.2 Módulo 02:

Resultados obtidos relacionados à religião pentecostal e neopentecostal.  
(P/N)

Ordem de apresentação dos dados:

- A) Respostas dos pais
- B) Respostas dos alunos

#### A) Respostas dos pais de religião pentecostal / neopentecostal.

01) Nome da sua religião.

Assembleia de Deus	(05)
Quadrangular	(02)
Brasil para Cristo	(01)
Deus é Amor	(02)
Universal do Reino de Deus	(01)
Maranata	(01)

02) Você percebe a resistência da escola de seus filhos com relação à sua religião?

Sim 1 Não 11

03- Você aceitaria Ensino Religioso na Educação Infantil?

Sim 8 Não 3 em branco 1

05) O que você acha a Educação Física?

Boa (10)

Ruim (02)

Não tem opinião formada sobre o assunto (0)

06) Você permite que seu filho faça Educação Física?

Sim 10 Não 2

07) Sua igreja proíbe que seu filho (a) façam educação física ou participem de atividades sociais da Escola, como festas, pic-nic, danças etc?

Sim 5 Não 7

09) Seus filhos participam da parte social?

Sim 9 Não 3 em branco 0

10) Você acha do recreio escolar:

É importante para criança (10)

Não tem importância nenhuma (01)

Não tem opinião formada sobre o assunto (01)

11) Você obriga seu filho (a) a ir à sua igreja?

Sim 2 Não 10

12) Seu filho gosta da sua igreja?

Sim 10 Não 2

13) Na sua igreja tem Escola Bíblica Dominical?

Sim 10 Não 2

#### B) Respostas dos alunos de religião pentecostal e neopentecostal

03) Você gosta da disciplina Educação Física?

Sim 13 Não 0

04) O que você mais gosta na Educação Física?

1º - jogar bola ( 6 )

2º - corrida ( 3 )

3º - parquinho de areia ( 3 )

05) Você gosta dos cultos da sua igreja?

Sim 10 Não 2

06) Você vai a sua igreja porque é obrigado (a) pelos seus pais?

Sim 2 Não 9 em branco 1

07) Você vai a igreja porque gosta?

Sim 10 Não 2

08) Do que você mais gosta na escola?

Sala de aula ( 7 )

Recreio ( 3 )

Merenda ( 2 )

09) Você gosta da Escola Bíblica Dominical?

Sim 8 Não 2 em branco 2

10) Sua igreja permite você assistir televisão ?

Sim 9 Não 2 em branco 1

Nesse terceiro módulo foi feito um levantamento da religião dos pais dos alunos, aqui foram tratadas as informações dos pais e alunos das igrejas históricas. Nesse módulo são verificados se há algumas resistências e/ou proibições dessas igrejas referentes à disciplina de Educação física e atividades sociais. Aqui também serão analisadas as respostas dos professores entrevistados.

### 3.3 Módulo 03:

Resultados obtidos relacionados pais/alunos das igrejas históricas (HT) e de professores.

Ordem de apresentação dos dados:

- A) Respostas dos pais
- B) Respostas dos alunos
- C) Respostas dos professores

#### A) Respostas dos pais das igrejas históricas

01) Nome da sua religião

Batista	( 3 )
Presbiteriana	( 2 )
Católica	( 8 )

02) Você percebe a resistência da escola de seus filhos com relação à sua religião ?

Sim	0	Não	13
-----	---	-----	----

03- Você aceitaria Ensino Religioso na Educação Infantil?

Sim	10	Não	3	em branco	0
-----	----	-----	---	-----------	---

05) O que você acha a Educação Física?

Boa	(13)
Ruim	( 0 )
Não tem opinião formada sobre o assunto	( 0 )



06) Você permite que seu filho faça Educação Física?

Sim 12 Não 1

07) Sua igreja proíbe que seu filho (a) façam educação física ou participem de atividades sociais da Escola, como festas, pic-nic, danças etc?

Sim 0 Não 13

09) Seus filhos participam da parte social?

Sim 12 Não 1 em branco 0

10) Você acha do recreio escolar:

É importante para criança (12)

Não tem importância nenhuma (0)

Não tem opinião formada sobre o assunto (1)

11) Você obriga seu filho(a) a ir à sua igreja?

Sim 4 Não 9

12) Seu filho gosta da sua igreja?

Sim 10 Não 3

13) Na sua igreja tem Escola Bíblica Dominical?

Sim 5 Não 8 em branco 0

#### B) Respostas dos alunos das igrejas históricas

04) Você gosta da disciplina Educação Física?

Sim 13 Não 0

05) O que você mais gosta em Educação física?

1º - jogar bola (8)

2º - corrida (2)

3º - parquinho de areia (3)

07) Você gosta dos cultos da sua igreja?

Sim 11 Não 2

08) Você vai a sua igreja porque é obrigado (a) pelos seus pais?

Sim 3 Não 10

09) Você vai a igreja porque gosta?

Sim 10 Não 3

11) Do que você mais gosta na escola?

Sala de aula ( 6 )

Recreio ( 4 )

Merenda ( 3 )

12) Você gosta da Escola Bíblica Dominical ?

Sim 5 Não 0 em branco 9

C) Respostas dos professores: regente e de educação física

(As respostas estão apenas em quantidades absolutas)

01) Você tem alunos de vários credos religiosos, como você os trata ?

( 2 ) indistintamente;

( 0 ) fazendo distinção;

( 0 ) indiferentemente.

03) Aqueles que não são de sua religião, como são tratados por você?

( 2 ) bem;

( 0 ) com reservas;

( 0 ) mal.

04) Como você vê as crianças de acordo com sua religião em relação aos estudos?

( 2 ) interessados;

( 0 ) desinteressados;

- ( 0 ) passivos;
- ( 0 ) agressivos;
- ( 0 ) em branco.

05) O que você atribui a esse comportamento de seu aluno:

- ( 1 ) Não atribui a crença religiosa. É uma questão pessoal;
- ( 0 ) Os alunos precisam ser estimulados;
- ( 1 ) É devido a idade - maturidade social;
- ( 0 ) Em branco.

06) Você acha que o comportamento apresentado pelas crianças em sala de aula, está ligado à religião da família do aluno?

Sim 0 Não 2

07) Você acha que a religião dos pais está interferindo na aprendizagem de seu aluno?

Sim 0 Não 2

08) Você acha que aprendizagem da criança está prejudicado devido, por ordem:

1º - à problemas socioeconômico e afetivos; ( 1 )

2º - à ansiedade infantil e à problemas psicomotores.( 1 )

09) Os pais criam dificuldades entre a criança e a escola, com relação à religião ?

Sim 1 Não 1

No quarto módulo foram feitas observações em relação às perguntas da pesquisa e como elas se justificam, nos 2 (dois) grupos de igrejas pentecostais/neopentecostais e igrejas históricas.

### 3.4 Módulos 04: Observações

#### A) Ficha diagnóstica

As justificativas dadas pelos alunos que responderam afirmativamente a perguntas acima foram:

#### II -Aspectos afetivos ( pagina 55 )

05) Apresenta sentimentos de medo?

07) Apresenta sentimentos de culpa?

#### Pentecostais/neopentecostais

- De ladrão, escuro, cobra, morte, barata, rato e outros.
- Raiva, desobediência e pecado.

#### Igrejas históricas

- De bandido, tiro, cachorro, cobra, barata, sapo e outros.
- Desobediência

#### B) Questionário dos alunos ( pagina 65 )

Justificativas:

09) Você vai a sua igreja porque gosta ?

#### Pentecostais/neopentecostais

- Porque tem conjunto de crianças cantando na igreja;
- Porque é legal;
- Porque ensina tocar instrumento;
- Porque gostam de ouvir a palavra de Deus.
- Porque gosta da Escola Bíblica dominical

### Igrejas Históricas

- Gosta de ensaios musicais;
- Tocar instrumentos;
- Ouvir a palavra de Deus;
- Escola Bíblica Dominical

10) Sua igreja permite você assistir televisão ?

Positivas: A maioria assiste desenhos, novelas e filmes.

Negativas: Só podem assistir desenhos, principalmente dvd gospel e os adultos das famílias assistem o jornal, ( em especial pentecostal da Igreja Deus é Amor)

C) Questionário dos pais P/N ( pagina 61 ).

Justificativas:

06) Você permite que seu filho faça Educação Física?

Positivas: porque faz parte do currículo da escola.

Negativas: Considero pecado.

07) Sua igreja proíbe que seu filho (a) façam educação física ou participem de atividades sociais da Escola, como festas, pic-nic, danças etc?

Positivas: É uma pratica considerada carnal.

Negativas: Faz bem para saúde.

09) Seus filhos participam da parte social ?

Positivas: Somente as que não afetam suas religiões e também daqueles que não tem custeio.

Negativas: Preferem não mandar para escola em dias de eventos culturais que não são aceitos pela igreja.

D) Questionário dos professores ( pagina 66 )

Justificativas:

4) Como você vê as crianças de acordo com sua religião em relação aos estudos ?

Interessados, desinteressados, passivos e agressivos.

07) Você acha que a religião dos pais está interferindo na aprendizagem do aluno?

Verifico que na aprendizagem existem outros fatores mais agravantes como os de questões sócios- econômicas do que religiosa, mas no comportamento acontece sim uma considerável influência.

E) Relato do professor de educação física.

A maioria dos alunos são interessados, espertos, ativos, tanto os evangélicos, quanto os não evangélicos, procuro fazer atividades bem lúdicas que envolvam a coordenação motora ampla, e eles aceitam muito bem as propostas, o que difere um pouco do normal é quando introduzo musicas não gospel para certas atividades, e percebo uma certa resistência de algumas crianças de igrejas pentecostais mais rígidas, pois elas ficam mais tímidas e não participam tanto, as vezes ficam sentadas ou então não se envolvem, procuro estimular e envolve-las nas brincadeiras, mais muitas vezes não tenho sucesso.

Quando planejamos festas culturais para apresentações que envolvam danças folclóricas, observo também que muitas dessas crianças não vem para escola nos dias dos eventos, quando conversamos com os alunos o porque não vieram muitos dizem que a mamãe não deixou porque “é pecado”.

Observo que ainda que a coordenação motora dessas crianças não é totalmente prejudicada no seu sentido mais amplo, mas também percebo que algumas dessas crianças perdem a oportunidade de explorar todo o seu potencial corpóreo, pois ficam limitadas a praticarem algumas atividades em detrimento de restrições religiosas.

## F ) Relato da professora regente.

As crianças na sua maioria são alunos interessados, carinhosos, ativos e espertos, é uma turma bastante heterogênia, com um nível de aprendizagem razoável, que pode estar ligado a vários fatores como: sócio econômico afetivo e também religioso.

Para mim as famílias no geral estão falhando no acompanhamento do desenvolvimento das crianças, não participam de reuniões de pais, às vezes seus filhos têm atitudes intempestivas que necessitam que os pais venham conversar com o grupo pedagógico e eles não dão a devida importância, nas atividades acadêmicas não se interessam tanto quanto deveriam e isso acontece tanto entre famílias de evangélicos como de não evangélicos, mas existe mais resistência com algumas famílias evangélicas de igrejas mais rígidas não sei se por falta de tempo ou de esclarecimento.

Mais observo diferenças no comportamento de algumas crianças evangélicas em especial os da Igreja Deus é Amor, talvez porque seus pais são mais rígidos e não permitem que participem de algumas propostas pedagógicas apresentadas pela escola. Certos momentos das atividades de sala e de pátio posso verificar que esses alunos ficam arredios e às vezes irritados, os mesmos também não participam de eventos folclóricos como: carnaval, festa junina , bailes dançantes e jogos de futebol.

Sempre no início do ano letivo trabalho como projeto de identidade e família, e com isso posso conhecer melhor os meus alunos e de certa forma entender o que eles sentem em relação ao mundo que os cercam, e essa turma é bem falante, e nos momentos da rodinha eles expressam seus sentimentos e por muitas vezes pude observar nas falas de alguns alunos evangélicos certo sentimento de culpa, no sentido que comentem pecados ou de estarem fazendo algo de Deus não se agrada.

Mas como sabemos criança é pura movimento, elas muitas vezes falam algo e fazem outra, ou fazem depois ficam com carinha de culpada e agente logo pergunta o que elas aprontaram. Percebo muito isso quando as meninas estão brincando de salão e as alunas crentes começam a se maquiar se descontraem, mas ao se aproximar a hora da saída ficam bastantes inquietas vão ao banheiro para retirem a maquiagem, e quando pergunto o porquê retiraram respondem que é

pecado e suas mães vão brigar. Com os meninos não são muito diferentes alguns dias jogam bola, outros dias ficam sentados e quando pergunto por que não vão brincar também respondem que seus pais brigaram e que futebol é pecado, que se souber que jogaram bola vão bater etc.

Fico preocupada com o futuro dessas crianças, sei que é a minoria da turma, que nem todas as igrejas evangélicas são assim, porém querendo ou não palavras ditas por líderes evangélicos e até mesmo dos pais acabam influenciando o dia a dia da criança até mesmo na escola, pois esses ensinamentos influenciam o comportamento da criança e sabemos que a família é a referência para elas e escola na maioria das vezes não sabe lidar com isso, precisamos de formações que nos capacite a lidar com essas situações.

A seguir, serão apresentados em forma de gráficos, para melhor visualização algumas das perguntas selecionadas da pesquisa, para traçar melhor o perfil dos alunos pentecostais/neopentecostais, e como esses dados se apresentam em relação ao comportamento e aprendizagem das crianças, dos 2 (dois) grupos estudados.



## 3.5 Gráficos representativos

FIGURA 01

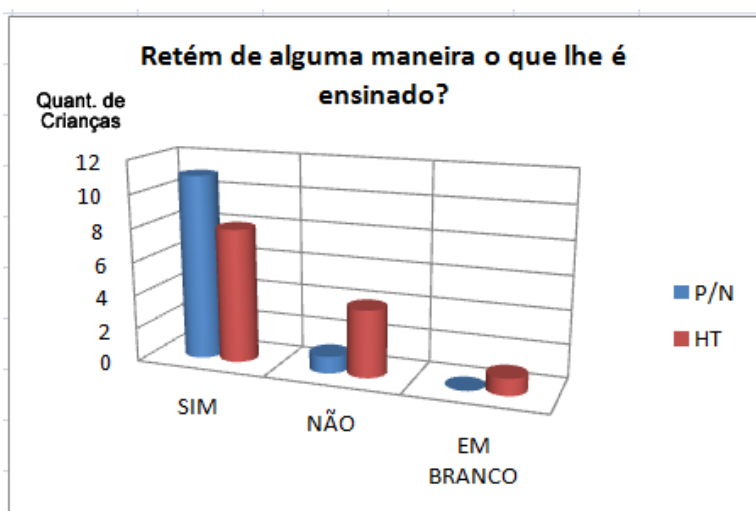


FIGURA 2



FIGURA 3

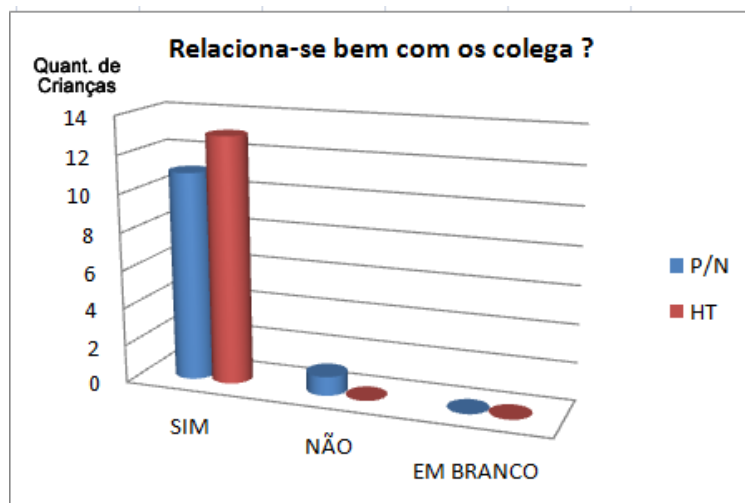


FIGURA 4

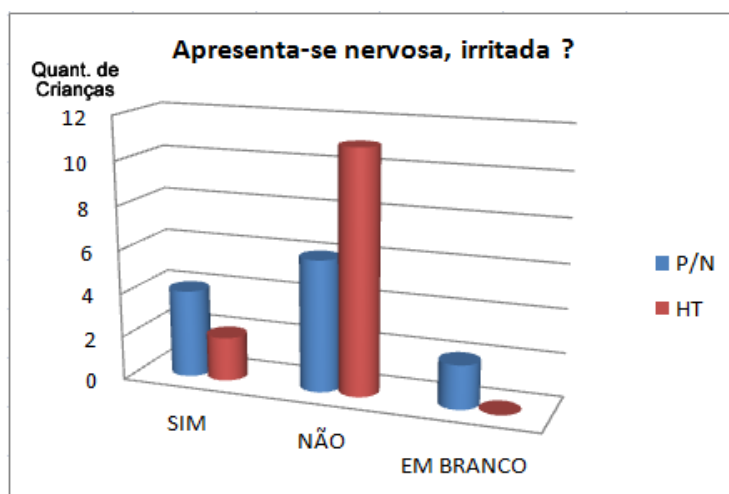


FIGURA 5



FIGURA 6

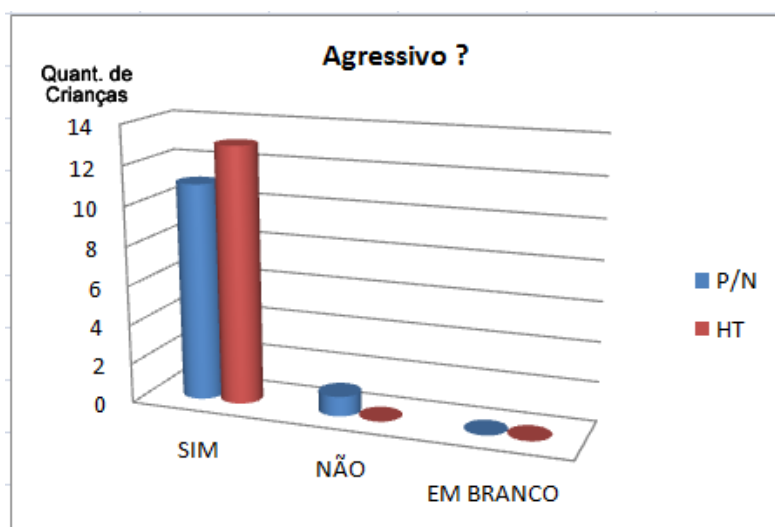


FIGURA 7

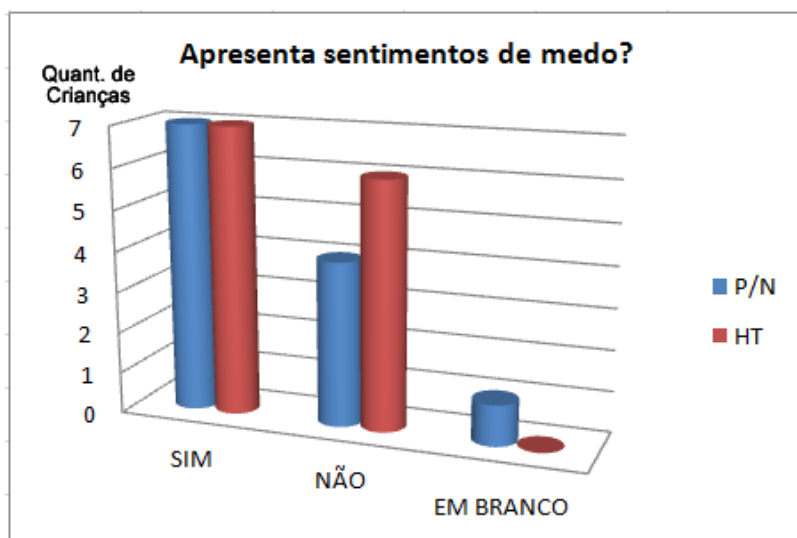


FIGURA 8

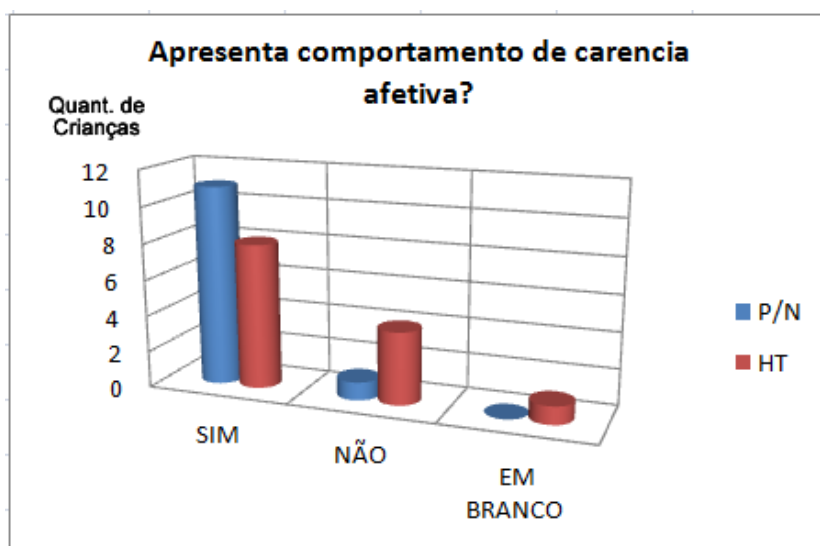


FIGURA 9



FIGURA 10

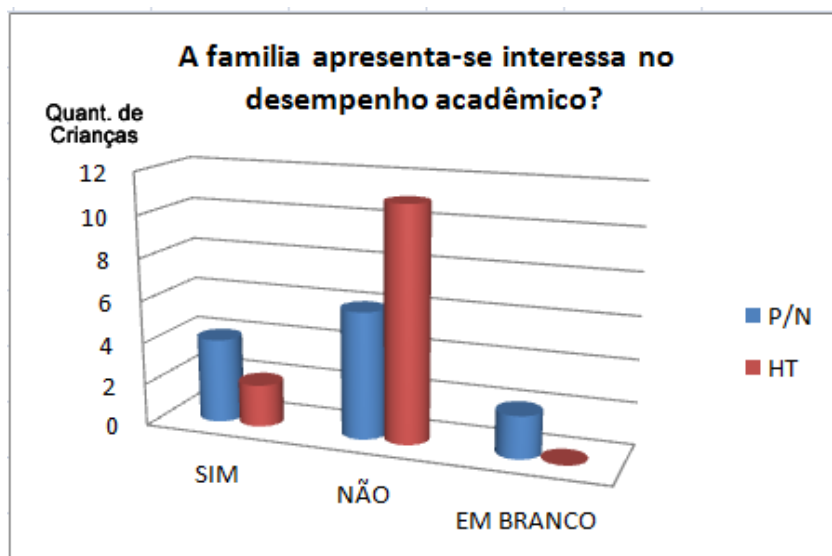


FIGURA 11

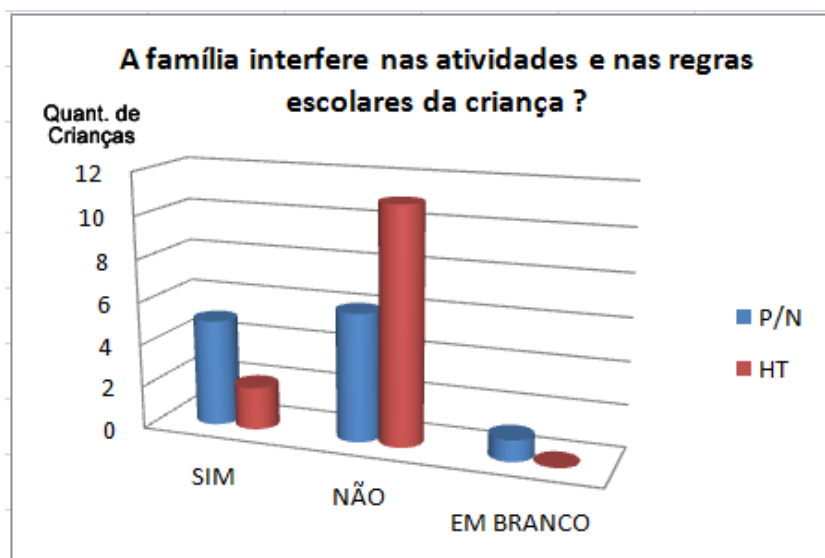


FIGURA 12

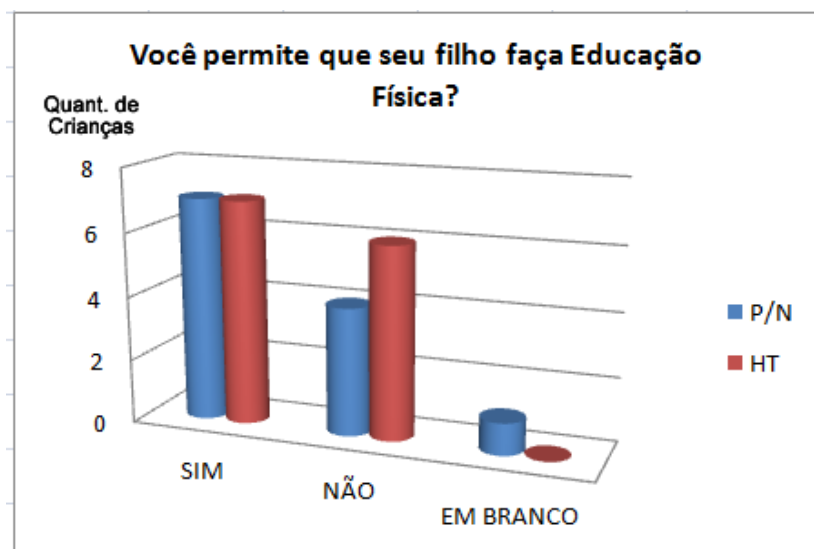


FIGURA 13

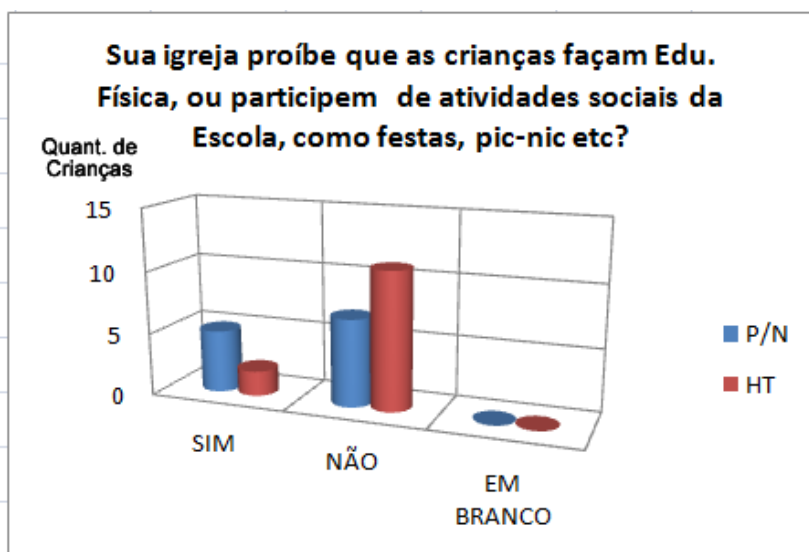


FIGURA 14

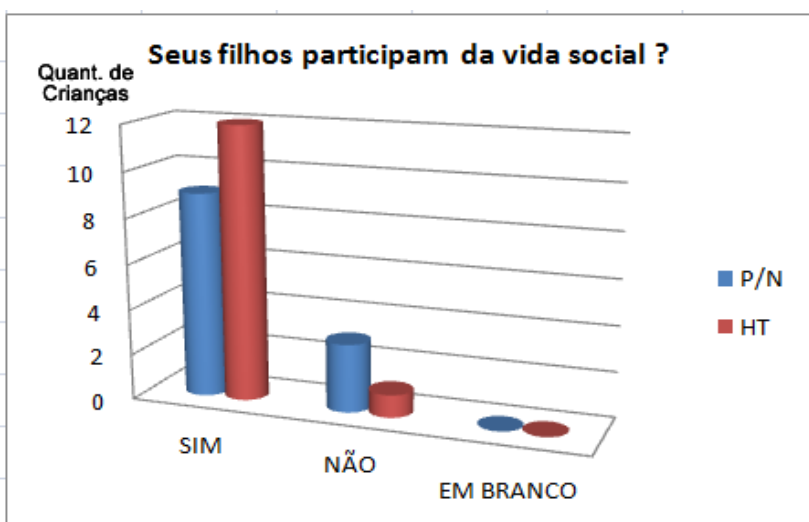


FIGURA 15



FIGURA 16

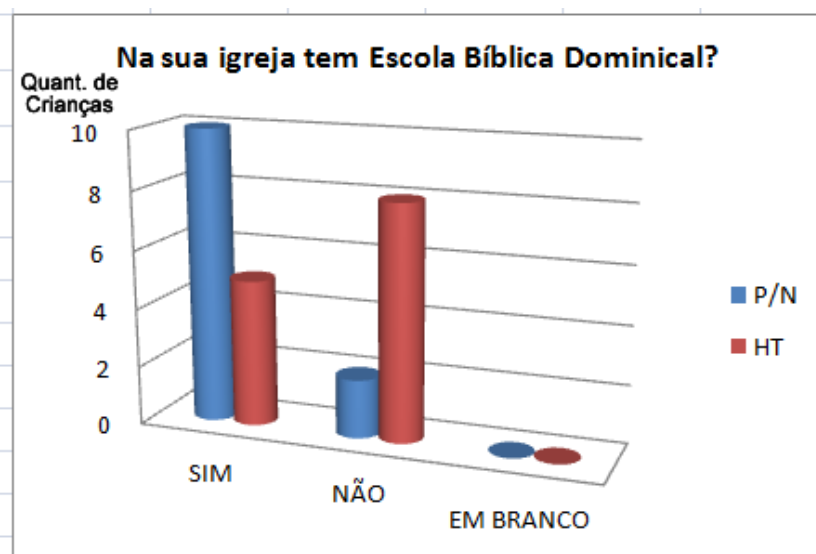
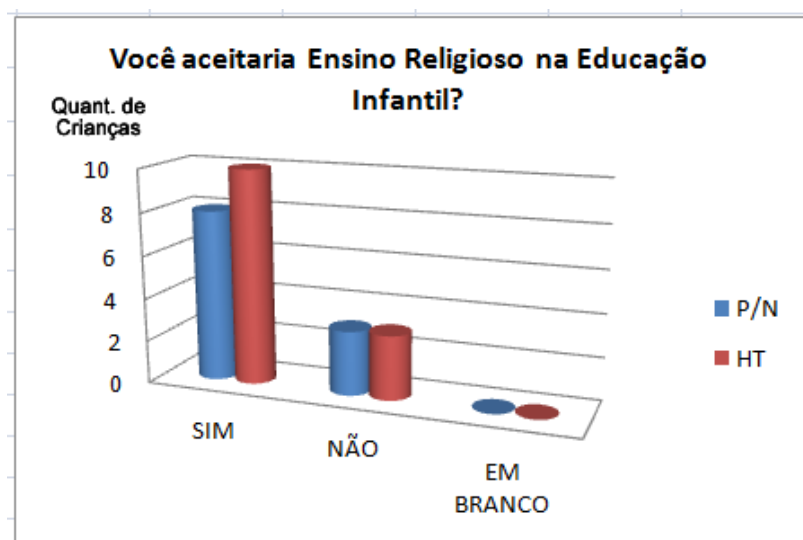




FIGURA 17



#### 4. CONCLUSÃO

Ao concluir a dissertação de mestrado, “A atitude religiosa na escola: Um estudo das características comportamentais e desempenho acadêmico das crianças da educação infantil oriundas de igrejas pentecostais e neopentecostais no âmbito escolar”, passo a fazer as seguintes considerações sobre o tema em foco, analisando os resultados da pesquisa, e a verificar se realmente as crianças das igrejas pentecostais e neopentecostais tem problemas quanto ao comportamento e o desempenho acadêmico na escola pelo fato de pertencerem essas igrejas que possuem costumes mais rígidos.

Verificam-se através da pesquisa que as crianças de igrejas pentecostais e neopentecostais são alunos interessados, alegres, espertos tanto quanto os alunos de igrejas históricas, porém algumas atitudes nos chamam atenção, e dados, observações e relatos nos apontam situações de comportamentos diferenciados.

Quanto ao desempenho acadêmico dos alunos, verifica-se que os resultados foram bem parecidos, entre crianças pentecostais/ neopentecostais e crianças de igrejas históricas. Após a análise dos dados a partir dos questionários aplicados e dos dados quantitativos apresentados é possível deduzir que aparentemente a influência religiosa não é a única e a mais importante influencia sobre o desempenho acadêmico e socialização de crianças pentecostais/ neopentecostais, e também parece não ser tão evidente como se pensava ao formular os objetivos do presente trabalho.

Verifica-se no relato da professora que existe sim dificuldades de aprendizagem dos alunos, e a mesma expõe que os problemas estão relacionados à vários fatores como : socioeconômicos , afetivos e de certo modo religiosos porém este ultimo não é o mais relevante. ( relato pagina 71 ).

Assim as dificuldades de aprendizagem não estão relacionadas somente às questões religiosas, pois os alunos se apresentam interessados na aprendizagem assim como aponta a (figura 1).

Também não são considerados menos sociáveis que os alunos de igrejas históricas como a (figura 2 e 3). Eles tendem a ser vistos como mais nervosos e irritados que o outro grupo (figura 4 e 6), a ter sentimentos ambíguos em relação aos pais (figura 5), mas não são mais medrosos dos os de igrejas históricas (figura 7).

Logo observando com uma visão pedagogicamente, no que tange o cognitivo, intelectual e ao desempenho acadêmico dos alunos pentecostais e neopentecostais, não há um comprometimento de aprendizagem dos mesmos, em relação ao grupo das igrejas históricas, ambos os grupos tem suas dificuldades e que não estão ligadas somente e diretamente à influência da religião.

Mas no que tange ao comportamento, observa-se crianças cujas igrejas possuem uso e costumes religiosos mais rígidos, atitudes diferenciadas, e isso se dá devido às proibições feitas pelos pais em relação a algumas propostas pedagógicas oferecidas pela escola, como festa de carnaval, junina, bailes à fantasia, e alguns jogos e brincadeiras.

Sabe-se que a criança é puro movimento, que estão sempre cheios de energia e disposição, mas durante o período de observação era possível ver crianças sentadas durante as aulas de educação física, com um semblante apático e desanimado, e quando perguntadas o porquê não estavam brincando ou jogando, respondiam dizendo que suas mães falaram que era pecado jogar bola, e se elas desobedecem, suas mães iriam brigar depois, mas mesmo assim o professor buscava estimulá-los a brincadeira, porém os alunos preferiam ficar sentados, ( relatos p.70/ 71 ).

Algumas crianças de igrejas pentecostais, mas rígidas também relataram que não podem dançar nas festas da escola, porque “a dança não é de Deus, e é pecado”. Analisando esta situação e conversando com o professor de educação física que foi entrevistado, ele colocou que tem casos que os pais pentecostais, muitas vezes deixam seus filhos participarem dos ensaios, mais na hora da apresentação elas não vêm. ( relato professor ed. física página 70 ).

As famílias e crianças entrevistadas das igrejas pentecostais e neopentecostais que disseram que não podiam fazer educação física e de participarem de bailes dançantes, quando foram questionados quais seriam os fundamentos usados pela igreja para essas proibições, e a maioria das crianças não sabiam responder, e os pais apenas diziam, que é pecado, Deus não se agrada, que bastavam eles brincarem que estava bom, e que não precisavam jogar bola ou dançarem músicas não gospel.(p.68/69).

As palavras jogos, bailes e danças, tem certa conotação de pecado, em especial para pais pentecostais mais rígidos, porém eles reconhecem que a educação física faz parte do currículo da educação infantil e também do ensino

fundamental, e por isso não podem proibir permanentemente que seus filhos não participem dessas aulas.

Outra observação importante é sobre o sentimento de prazer, as igrejas pentecostais ao ensinarem seus usos e costumes para as famílias e conseqüentemente para as crianças, parecem tirar o sentimento de prazer necessário a uma vida normal e sadia das mesmas. Sabe-se que as pessoas que não sentem prazer, ou seja, mas desprazer pode ser tornarem pessoas sujeitas ao desequilíbrio emocional.

Verifica-se no trabalho que os aspectos lúdicos, jogos, brinquedos, festas, danças que formam nossa cultura, de certo modo está sempre ou quase sempre sob o jugo da religião, é possível verificar isso na história do nosso país, a principio com os jesuítas dominando o povo, e em especial os índios, impondo a religião católica e acabando com a cultura indígena, e, mais tarde com o protestantismo que chega ao Brasil com suas missões, também dominando e impondo ao povo sua cultura de dominador e a pregação que tudo é pecado, e com isso nossa cultura passa a ser vista por eles como pecaminosa, como: o folclore, as danças etc.

Levantando ainda a questão da culpa e prazer observa-se a questão do corpo, pois se indivíduo tem dificuldade de adaptação, geral ou específica, terá sempre dificuldade consigo mesmo. A professora relata ( pagina 71 ) que percebe que as crianças que não participam das aulas de educação física não tem uma psicomotricidade saudável, e nos momentos de pátio ficam inseguras, temerosas em subir nos brinquedos, não são tão autônomas quanto os que fazem educação física regularmente. Durante os momentos lúdicos e de brincadeiras a professora também relatou que entre as meninas, quando estão brincando de salão e se maquiando, por muitas vezes observa algumas das crianças pentecostais se pintando e quando se aproximam a hora da saída, vão ao banheiro retirar a maquiagem, para os familiares não brigarem.

Outra questão intrigante que também foi verificado é de crianças que freqüentam igrejas pentecostais/ neopentecostais, e seus pais não participam da mesma comunidade de fé. Analisando a questão e diante dos expostos das crianças, chega-se a conclusão que as mesmas estão nessas igrejas, por que a igreja tem sido atrativa, principalmente quando estão envolvidas com a parte musical da igreja, com os seus cultos infantis, aprendendo instrumentos musicais tais como: bateria, piano, violão, entre outros e na escola bíblica dominical, ( pagina 68 ).

Outras ainda são aquelas crianças cujos pais são católicos, mas não freqüentam a igreja, e seus filhos vão às igrejas protestantes pentecostais/neopentecostais com parentes e vizinhos, assim essas crianças se consideram “crentes”, dessas igrejas.

As respostas em relação à televisão também me chamou atenção, pois a maioria das crianças disseram que tem televisão, DVD e rádio em casa, mais as crianças da igreja pentecostal Deus é Amor, disseram que tinham, porém era só pra ver jornal e desenho, porque o resto era pecado, (pagina 68 ).

Diante das observações pude verificar que as preocupações maiores em relação a questões consideradas pecado, se davam, mais entre as crianças pentecostais, em especial da igreja Deus é amor, do que entre os neopentecostais.

Verifica-se com a pesquisa que na área comportamental as crianças das igrejas pentecostais e neopentecostais e em especial as pentecostais de uso e costumes mais rígidos, respondiam os questionários com uma preocupação em relação ao “pecado”, e a possíveis coisas que não agradam a Deus e a família. Em alguns momentos eles se apresentavam muito tímidos ou apáticos, em outros bastantes agitados, conversando com a professora ela relatou que também percebe essas características comportamentais na sala de aula, e acredita que isto pode estar ligado a internalizações sociais, culturais e religiosas, que são transmitidos pelos familiares, comunidade e líderes religiosos.

Assim com base na pesquisa verifica-se que os alunos pentecostais/neopentecostais, apresentam no ambiente escolar, características comportamentais diferentes dos alunos de igrejas históricas, essas atitudes são evidenciadas principalmente em relação ao sentimento de culpa que está ligado ao corpo, pois na escola são apresentadas atividades que lhe proporcionam prazer, e que para alguns pentecostais são entendidas como não religiosas e mesmo as crianças não entendendo devido a pouca idade, os verdadeiros motivos pelo qual não podem realizá-las, se submetem até mesmo involuntariamente a essas regras que para as famílias são consideradas pecaminosas influenciam em seu comportamento.

As figuras 13 e 14 apontam um fato de que há uma considerável diferença no sentido de não participação da criança nas atividades sociais e que os pais alegam que a igreja pentecostal tenta limitar o comportamento, nas atividades de educação física e eventos culturais não cristãos. E a partir da análise dos questionários foi possível observar que diante das respostas dos professores, as famílias acabam interferindo nas atividades, sociais e na educação física (figura 11),

mais em contra partida os pais pentecostais/neopentecostais estão sempre atentos às atividades pedagógicas realizadas em sala de aula (figura 10).

Portanto na área comportamental a religião tem demonstrado influenciar o comportamento dos alunos pentecostais e neopentecostais da educação infantil, assim sugere-se como aponta na figura (17) à inserção de profissionais especializados na área da religião para atuar nessa etapa, e também fica a sugestão que a escola e os educadores busquem formação especializada na área da religião, como cursos para Ensino Religioso ou Ciências das Religiões, para assim contribuir ainda mais para formação do educando, uma vez que a Educação Infantil é primeira etapa da educação e a base que a criança necessita para formação integral.

## 5. REFERÊNCIAS

- ACOFOREC, Associação Colombiana para Formação Religiosa Católica. **O potencial religioso da criança**. [tradução Ricardo Souza de Carvalho]. São Paulo: Paulinas, 2008.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus: Origem, Implantação e Militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa. **Manual do superintendente da escola bíblica dominical**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO, Israel Belo. **A Celebração do Indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora Unimep; São Paulo: Êxodo, 1996.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia sagrada**. Versão João Ferreira de Almeida: Rio de Janeiro. Ed. Kings Cross Publicações, 2006.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. **Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA**. 7ed. Brasília: 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação. Resolução CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil**. *Diário Oficial da União*, 18 dez. 2009b. Seção 1, p.18.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. **A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil**. Paraná: Revista Pistis Praxis, v.1, n1. 2009.
- CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. São Paulo: Vinde, 1988.
- CAVALCANTI, Robinson. **A Utopia Possível**. Em busca de um cristianismo integral. Viçosa.MG: Ultimato Ltda, 1993.
- ELIAS, B. V. **Inovação americana na educação do Brasil**. Nossa História. São Paulo: 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FREUD, S. **O ego e o id**. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. **Escritores criativos e devaneios ( M.A.M.Rego, Trad )** Em J. Salomão (org.), Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud ( Vol, 9, P 142-160). Rio de Janeiro: Imago. ( original fabricado em 1908)

GALVÃO, Maria Ermantina. Prefácio. In: DESCARTES, René. **Discurso do Método**. [Tradução Maria Ermantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora / Fundamentos Bíblicos Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã**. São Paulo: LPC Publicações, 1993.

GONDIM, Ricardo. **É proibido**. O que a Bíblia permite e a igreja proíbe. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2010.

GUEDES, Adriane Ogêda. **A psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon: Desenvolvimento da comunicação humana nos seus primórdios**. Disponível em <http://museudainfancia.unesc.net/>. Acesso 06/06/2013.

HACK, Osvaldo Henrique. **Protestantismo e Educação Brasileira**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.

HAUCK, João Facundes et al. **A Igreja no Brasil no século XIX: Segunda época. 3ªed.** São Paulo: Paulinas; Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do Norte do Brasil**: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Belo horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

LÉONARD, Émile. G. **O protestantismo Brasileiro**: estudo da eclesiologia e a história social. [ Tradução Linneu de Camargo Shutzer ]. São Paulo: ASTE, 2002.

LONGUINI NETO, Luiz. **O novo rosto da missão**: os movimentos ecumênicos e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa, MG: Ultimato, 2002.

LÓPEZ GONZÁLEZ, Maria Teresa; LÓPEZ RAMÍRES, Carmen Patrícia. **A criança e sua relação com Deus**. [Tradução Ricardo Souza de Carvalho]. São Paulo: Paulinas, 2008.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantismo, pentecostais & ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NUNES, M. F. R. (2006) “Educação infantil: instituições funções e propostas”. In: **Salto para o futuro - o cotidiano na educação infantil**. Disponível em [www.tvebrasil.com.br](http://www.tvebrasil.com.br). Acessado em 05/08/2013 .

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky Aprendizado e Desenvolvimento Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.



PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIAGET, Jean. **O juízo moral**. [tradução Elzon Leonardon]. São Paulo: Summus, 1994.

PRIEN, Hans - Jurgen. **Formação da Igreja evangélica no Brasil**: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Petrópolis, RJ; São Leopoldo, RS: Sinodal. 2001.

RAMALHO, J. P. **Colégios protestantes no Brasil**: uma interpretação sociológica da prática educativa dos colégios protestantes no Brasil no período de 1870 a 1940. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: De Freud à atualidade. v.7. São Paulo: Paulus, 2006.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 1984.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 21<sup>o</sup>ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

RONCA. P.A.C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Edisplan, 1989.

SANDRELLI, Ilinane. **A Escolástica como Instrumento de Ensino Filosófico e Literário na Idade Média**. Disponível em: <http://www.correiodatarde.com.br>. Acesso em: 04/09/2013.

**SER CRIANÇA no início do Século XX não era nada fácil**. Disponível em <http://www.mdig.com.br/> Metamorfose Digital. Acesso em 05/08/2013.

SKLAR, Sérgio. **A Pedagogia Freudiana?** Disponível em [http://www.periodicos.uem.br/espaco\\_academico](http://www.periodicos.uem.br/espaco_academico). Acesso 06/09/2013.

SOUSA, Bertone de Oliveira. **Religião e negação da modernidade**: a leitura fundamentalista da bíblia nas revistas de escola bíblica dominical da Assembléia de Deus. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao> - acesso em 20/09/2013.

TOBIAS, José Antônio. **História da educação brasileira**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ibrasa, 1986.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2<sup>a</sup> ed. Brasília: UNB, 1980.

VYGOTSKY. Lev. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY. Lev. S. **Pensamento e Linguagem**. [ Tradução Jeferson Luiz Camargo]. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

## 6. APÊNDICE

### APÊNDICE 01

#### FICHA DE DIAGNÓSTICO ENGLOBALDO -SE ALUNOS DE RELIGIÃO PENTECOSTAL/NEOPENTESCOTAL E RELIGIÃO DE IGREJA HISTÓRICA

Escola: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_

Equipe Técnica: \_\_\_\_\_

Diretoria: \_\_\_\_\_

Pedagoga: \_\_\_\_\_

Nome do aluno (a): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Filiação:

Nome do Pai ou responsável: \_\_\_\_\_

Lugar onde trabalha: \_\_\_\_\_

Nome da Mãe: \_\_\_\_\_

Lugar onde trabalha: \_\_\_\_\_

Religião:

Do pai: \_\_\_\_\_

Da mãe: \_\_\_\_\_

Turma do aluno(a): \_\_\_\_\_

Nome do professor(a): \_\_\_\_\_

Endereço familiar: \_\_\_\_\_

Renda familiar: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO DA FICHA DIAGNÓSTICA PARA PAIS E ALUNOS DE IGREJAS  
PENTECOSTAIS/NEOPENTECOSTAIS E DE IGREJAS HISTÓRICAS**

<u>I – ASPECTOS INTELECTUAIS</u>	SIM	NÃO	EM BRANCO
01) Reconhece os objetos pela função?	( )	( )	( )
02) É capaz de seguir duas ordens simples em linguagem mais elaborada. Ex: Ponha seus sapatos e apanhe o jogo de armar?	( )	( )	( )
03) Repete pequenas músicas e versos?	( )	( )	( )
04) Discrimina sons pela intensidade?	( )	( )	( )
05) Diz o seu nome inteiro?	( )	( )	( )
06) Compreende conversas?	( )	( )	( )
07) Usa certas palavras de maneira inadequada?	( )	( )	( )
08) Identifica seus desenhos?	( )	( )	( )
09) Mantém a atenção por períodos curtos?	( )	( )	( )
10) Sabe copiar do quadrado?	( )	( )	( )
11) Conhece cor?	( )	( )	( )
12) Tem dificuldade de aprendizagem?	( )	( )	( )
13) Custa copiar do quadro?	( )	( )	( )
14 ) Tem problemas cognitivos?	( )	( )	( )
15 ) Retém de uma maneira adequada o que lhe é ensinado?	( )	( )	( )

II) ASPECTOS AFETIVOS.

SIM NÃO EM  
BRANCO

- |   |     |     |     |
|---|-----|-----|-----|
| 01) Apresenta-se nervosa e irritada?                    | ( ) | ( ) | ( ) |
| 02) Tem sentimentos ambíguos em relação aos pais?       | ( ) | ( ) | ( ) |
| 03) É agressiva?  | ( ) | ( ) | ( ) |
| 04) Sente-se responsáveis por suas ações?               | ( ) | ( ) | ( ) |
| 05) Apresenta sentimentos de medo?                      | ( ) | ( ) | ( ) |
| 06) Apresenta comportamento de carência afetiva?        | ( ) | ( ) | ( ) |
| 07) Apresenta sentimento de culpa?                      | ( ) | ( ) | ( ) |
| 08) Apresenta dificuldades de urinar e defecar?         | ( ) | ( ) | ( ) |
| 09) Apresenta bom estado emocional ao chegar na escola? | ( ) | ( ) | ( ) |

III) ASPECTOS DE SOCIALIZAÇÃO E ADAPTAÇÃO

SIM NÃO EM  
BRANCO

- |  |     |     |     |
|--|-----|-----|-----|
| 01) Escova os dentes após as refeições?            | ( ) | ( ) | ( ) |
| 02) Abotoa-se sozinho, botões de frente e de lado? | ( ) | ( ) | ( ) |
| 03) Brinca com os colegas?                         | ( ) | ( ) | ( ) |
| 04) Parece desatento quando ao professor?          | ( ) | ( ) | ( ) |
| 05) Trabalha com colega sem grupo?                 | ( ) | ( ) | ( ) |
| 06) Fala aos gritos?                               | ( ) | ( ) | ( ) |
| 07) Consegui despir se sozinho?                    | ( ) | ( ) | ( ) |
| 08) Apenas brinca sozinho ?                        | ( ) | ( ) | ( ) |
| 09) Vive sozinho, não tem colegas ?                | ( ) | ( ) | ( ) |
| 10) Relaciona-se bem com os colegas ?              | ( ) | ( ) | ( ) |
| 11) Relaciona-se bem com a professora ?            | ( ) | ( ) | ( ) |
| 12) Gosta de brincar com outras crianças ?         | ( ) | ( ) | ( ) |

IV) ESQUEMA CORPORAL DE CONHECIMENTO DO CORPO.

SIM NÃO EM  
BRANCO

- |  |     |     |     |
|--|-----|-----|-----|
| 01) Conhece as partes do corpo?                  | ( ) | ( ) | ( ) |
| 02) Apresenta tiques faciais?                    | ( ) | ( ) | ( ) |
| 03) Anda em linha reta?                          | ( ) | ( ) | ( ) |
| 04) Pula num pé só?                              | ( ) | ( ) | ( ) |
| 05) Equilibra-se momentaneamente sobre os pés?   | ( ) | ( ) | ( ) |
| 06) Segura objetos pequenos?                     | ( ) | ( ) | ( ) |
| 07) Recebe a bola com os braços esticados?       | ( ) | ( ) | ( ) |
| 08) Segura o lápis, usando polegar e três dedos? | ( ) | ( ) | ( ) |
| 09) Caminha sobre um círculo traça dono chão ?   | ( ) | ( ) | ( ) |
| 10) Tem lateralidade definida?                   | ( ) | ( ) | ( ) |

V) COMPORTAMENTO APRESENTADO PELO  
ALUNO NA ESCOLA

SIM NÃO EM  
BRANCO

- |  |     |     |     |
|--|-----|-----|-----|
| 01) Desinteressado?                              | ( ) | ( ) | ( ) |
| 02) Interessado?                                 | ( ) | ( ) | ( ) |
| 03) Aluno faltoso?                               | ( ) | ( ) | ( ) |
| 04) Tímido?                                      | ( ) | ( ) | ( ) |
| 05) Agressivo?                                   | ( ) | ( ) | ( ) |
| 06) Nervoso?                                     | ( ) | ( ) | ( ) |
| 07) É curioso?                                   | ( ) | ( ) | ( ) |
| 08) É criativo?                                  | ( ) | ( ) | ( ) |
| 09) É desatento?                                 | ( ) | ( ) | ( ) |
| 10) Custa a responder as perguntas do professor? | ( ) | ( ) | ( ) |
| 11) Mostra atenção concentrada?                  | ( ) | ( ) | ( ) |
| 12) É alegre?                                    | ( ) | ( ) | ( ) |
| 13) É triste?                                    | ( ) | ( ) | ( ) |
| 14) Pergunta muitas vezes a mesma coisa?         | ( ) | ( ) | ( ) |
| 15) É melancólico?                               | ( ) | ( ) | ( ) |





## APÊNDICE 02

### QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS DE ALUNOS PENTECOSTAIS/ NEOPENTECOSTAIS E DE IGREJAS HISTÓRICAS

01- Qual o nome da sua religião?

\_\_\_\_\_

02- Você percebe resistência da Escola de seus filhos com relação à sua religião?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

03- Você aceitaria Ensino Religioso na Educação Infantil?

SIM ( ) NÃO ( )

04- Você acha o Ensino Religioso na escola:

( ) Bom

( ) Ruim

( ) Não tem opinião sobre o assunto

Justifique a resposta:

\_\_\_\_\_

05- Você acha da Educação Física:

( ) Bom

( ) Ruim

( ) Não tem opinião sobre o assunto

Justifique a resposta:

\_\_\_\_\_

06- Você permite que seu filho faça Educação Física?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

07) Sua igreja proíbe que seu filho (a) façam educação física ou participem de atividades sociais da Escola, como festas, pic-nic, danças etc?

SIM ( ) NÃO ( )

08) Se a resposta acima for afirmativa ou negativa, qual a sua opinião sobre o assunto?

Justifique:

09) Seus filhos participam da parte social?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

10) Você acha do recreio escolar :

É importante para criança ( )

Não tem importância nenhuma ( )

Não tem opinião formada sobre o assunto ( )

11) Você obriga seu filho (a) a ir à sua igreja?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

12) Seu filho gosta da sua igreja ?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

13) Na sua igreja tem Escola Bíblica Dominical ?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

OBSERVAÇÕES \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### APÊNDICE 03

#### QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS PENTECOSTAIS/NEOPENTECOSTAIS E DE IGREJAS HISTÓRICAS

01) Coloque um "X" em frente a resposta certa. Sua religião é:

Assembleia de Deus ( )

Quadrangular ( )

Brasil para Cristo ( )

Deus é Amor ( )

Universal do Reino de Deus ( )

Maranata ( )

Batista ( )

Presbiteriana ( )

Católica ( )

Outras \_\_\_\_\_

02) Você gosta da Escola ( CMEI)?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

03) Você gosta da disciplina Educação Física?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

04) O que você mais gosta na Educação Física?

1º - jogar bola ( )

2º - corrida ( )

3º - parquinho de areia ( )

05) Você gosta dos cultos da sua igreja?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

06) Você vai a sua igreja porque é obrigado (a) pelos seus pais?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

07) Você vai a igreja porque gosta?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

08) Do que você mais gosta na escola?

Sala de aula ( )

Recreio ( )

Merenda ( )

09) Você gosta da Escola Bíblica Dominical?

SIM ( ) NÃO ( )

Por quê?

10) Sua igreja permite você assistir televisão ?

SIM ( ) NÃO ( )

OBSERVAÇÕES \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## APÊNDICE 04

### QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES: REGENTE E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

01) Você tem alunos de vários credos religiosos. Como você os trata?

- Indistintamente
- Fazendo distinção
- Indiferentemente

Por quê?

02) Qual é a sua religião?

Protestante ( )

Católica ( )

De qual: \_\_\_\_\_

03) Aqueles que não são de sua religião, como são tratados por você?

- Bem
- Com reservas
- Mal

04) Como você vê as crianças de acordo com sua religião em relação aos estudos?

- interessados;
- desinteressados;
- passivos;
- agressivos;
- em branco.

5) O que você atribui a esse comportamento?

- Não atribui a crença religiosa. É uma questão pessoal;
- Os alunos precisam ser estimulados;
- É devido a idade- maturidade social
- Em branco

06) Você acha que o comportamento apresentado pelas crianças em sala de aula, está ligado à religião da família do aluno?

SIM ( ) NÃO ( )

07) Você acha que a religião dos pais está interferindo na aprendizagem de seu aluno?

SIM ( ) NÃO ( )

08) Você acha que aprendizagem da criança está prejudicada devido, por ordem:

1º - à problemas sócio econômico e afetivos; ( )

2º - à ansiedade infantil e à problemas psicomotores.( )

09) Os pais criam dificuldades entre a criança e a escola, com relação à religião?

SIM ( ) NÃO ( )

10) Você acha que as crianças são reprimidas pelos pais?

SIM ( ) NÃO ( )

OBSERVAÇÕES\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_